

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE ANGRA DOS REIS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E POLÍTICAS PÚBLICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**LUAN DE SOUSA PEREIRA**

**ANÁLISE DA DINÂMICA DA VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO URBANO DE  
ANGRA DOS REIS- RJ.**

**2021  
ANGRA DOS REIS- RJ**

**LUAN DE SOUSA PEREIRA**

**ANÁLISE DA DINÂMICA DA VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO  
URBANO DE ANGRA DOS REIS- RJ.**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Geografia. Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Eliane Melara.

**2021**

**ANGRA DOS REIS- RJ**

**LUAN DE SOUSA PEREIRA**

**ANÁLISE DA DINÂMICA DA VIOLÊNCIA CRIMINAL NO ESPAÇO URBANO DE  
ANGRA DOS REIS- RJ.**

Monografia aprovada pela Banca Examinadora do Curso de Geografia da  
Universidade Federal Fluminense – UFF.

Angra dos Reis, 28 de Setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADORA:

Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Melara – Universidade Federal Fluminense

PARECERISTA:

Prof. Dr. Marcos Silvestre Gomes – Universidade Federal do Triângulo Mineiro

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Panorama do centro de Angra dos Reis .....	31
Figura 2: Vista do bairro Praia do Jardim (ocupações ao fundo).....	31
Figura 3: Principais condomínios e complexos habitacionais de Angra dos Rei- RJ	37

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico de evolução da população (1970-2010) .....	21
Gráfico 2: Gráfico comparativo de apreensão de drogas (2018-2021).....	44
Gráfico 3: Gráfico comparativo de homicídios dolosos (2018-2021) .....	44
Gráfico 4: Gráfico comparativo de estupro (2018-2021).....	45
Gráfico 5: Gráfico comparativo de lesões corporais dolosas (2019-2021) .....	46
Gráfico 6: Gráfico comparativo do total de furtos (2018- 2021).....	47
Gráfico 7: Gráfico comparativo do total de roubos (2018-2021).....	47

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa de localização do município de Angra dos Reis- RJ.....	11
Mapa 2: Mapa dos bairros de Angra rotulados numericamente .....	14
Mapa 3: Mapa de renda média por setor censitário x limites dos bairros de Angra dos Reis .....	34
Mapa 4: Mapa de aglomerados subnormais de Angra dos Reis- RJ .....	35
Mapa 5: Mapa de renda média por setor censitário x aglomerados subnormais de Angra dos Reis-RJ .....	35
Mapa 6: Mapa de Apreensão de drogas por bairro de Angra .....	50
Mapa 7: Mapa de homicídios por bairro de Angra.....	51
Mapa 8: Mapa de lesões corporais por bairro de Angra.....	53
Mapa 9: Mapa de estupros por bairro de Angra .....	54
Mapa 10: Mapa de furtos por bairro de Angra.....	56
Mapa 11: Mapa de roubos por bairro de Angra.....	57
Mapa 12: Mapa de violência criminal em Angra dos Reis- RJ .....	63
Mapa 13: Mapa de violência criminal nos bairros centrais de Angra dos Reis- RJ ...	64
Mapa 14: Mapa de violência criminal x Aglomerados subnormais, comunidades e complexos. ....	66
Mapa 15: Mapa de renda média por setor censitário x violência criminal por bairro de Angra dos Reis.....	68

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Rótulo numérico dos mapas.....	15
Tabela 2- População residente por bairro de Angra dos Reis (2010).....	22
Tabela 3- Ocorrências registradas por bairro.....	58

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a dinâmica da violência criminal em Angra dos Reis, correlacionando com elementos referentes a desigualdade socioespacial e a segregação urbana. Dessa forma, são discutidos os processos fragmentadores e segregadores do espaço de Angra dos Reis, resultando na produção de uma cidade com profundas desigualdades sociais e espaciais. Nesse cenário, destacam-se os números elevados de crimes, especialmente aqueles relacionados ao tráfico de drogas do varejo e os homicídios, que tendem a ocorrer em bairros com precárias condições de infraestrutura urbana, onde a presença do Estado é reduzida e onde vive uma população com baixa renda. A ocorrência de crimes também se destacou nos bairros que apresentam centralidade urbana, já que concentram atividades de serviços, comércio e lazer, propiciando a circulação de pessoas e capital, tornando-se atraentes para ocorrência de crimes contra o patrimônio. Além disso, podemos concluir que a criminalização da pobreza é uma realidade em Angra dos Reis, sendo importante a realização de análises mais profundas sobre a dinâmica da criminalidade e a relação com os processos de segregação socioespacial.

**Palavras-chave:** Violência Criminal; Segregação socioespacial; Desigualdades sociais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>1.2. Objetivos</b>	<b>12</b>
<b>1.2.1. Objetivo Geral</b>	<b>12</b>
<b>1.2.2. Objetivos Específicos</b>	<b>12</b>
<b>1.3. Materiais e Métodos</b>	<b>13</b>
<b>2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ÁREA ESTUDADA</b>	<b>18</b>
<b>3. DESIGUALDADES SOCIAIS E SEGREGAÇÃO ESPACIAL</b>	<b>25</b>
<b>3.1. Desigualdades sociais e segregação espacial em Angra dos Reis-RJ</b>	<b>30</b>
<b>4. VIOLÊNCIA URBANA</b>	<b>38</b>
<b>4.1. Violência Criminal em Angra dos Reis</b>	<b>42</b>
<b>5. ANÁLISE ESPACIAL DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO URBANO DE ANGRA DOS REIS - RJ</b>	<b>49</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>69</b>
<b>7. REFERÊNCIAS</b>	<b>72</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Como exposto por Harvey (1992), Sposito e Góes (2013), Côrrea (2013), e outros autores, a troca do modelo fordista de produção dos países centrais pelo regime de acumulação flexível acarretou uma mudança na divisão internacional do trabalho (DIT). Visto isso, uma vez que o Brasil possui o papel de país periférico nessa divisão, foi imposto o papel de exportador de matéria prima e produtos de baixa tecnologia (e como consequência disso, baixo valor agregado) para os países centrais, foi realizada toda uma reestruturação produtiva para que nosso território se adequasse a esse molde, mudança essa que acarretou o crescimento das cidades média, tanto em população quanto em receita (Sposito e Góes, 2013), especialmente nas cidades médias, como apontado abaixo

Nas cidades médias, esse processo tem alterado a estrutura produtiva, atraindo empresas multinacionais com tecnologia de ponta e exigência de profissionais qualificados, proporcionando aumento das riquezas em vários setores da economia (comercial, de serviços, imobiliário etc.), atraindo pessoas de diferentes camadas sociais que objetivam ali morar e trabalhar. Esses fatores têm influenciado na produção imobiliária dessas cidades, aumentando os investimentos na produção de espaços residenciais 23 fechados e controlados, como condomínios fechados ou loteamentos murados e shopping centers, criando novas expressões de centralidades e aumentando a complexidade social e espacial. (MELARA, 2016, p. 22-23)

Melara (2016) afirma que nas cidades médias esses processos de reestruturação produtiva e urbana avançaram muito a partir da década de 1970 em algumas cidades, e, mais fortemente na década de 1980 e 1990 em outras. Essa reestruturação se relaciona com o aumento populacional, provocando um crescimento desordenado no espaço urbano, fortemente marcado pelas desigualdades socioespaciais. Todos esses fatores impulsionaram os índices criminais, a ponto de, em algumas cidades de porte médio, assemelharem-se as taxas das grandes cidades (e às vezes até ultrapassando esses índices), passando a haver nessas cidades também uma sensação frequente de insegurança urbana e medo da violência.

Dessa forma, o presente trabalho parte do pressuposto de que tal como ocorreu nas cidades estudadas por Melara (2016) – Resende e Volta Redonda-RJ, a reestruturação produtiva ocasionada pela troca de modelo produtivo das centralidades mundiais proporcionou além do aumento do PIB e populacional, uma fragmentação no espaço urbano que pode ser refletida nas mudanças socioespaciais das metrópoles mas também das cidades médias, além do aumento da sensação de insegurança urbana, ocasionados ou não pelo aumento dos índices de violência criminal. Desse modo, objetivamos estudar essas questões de na cidade de Angra

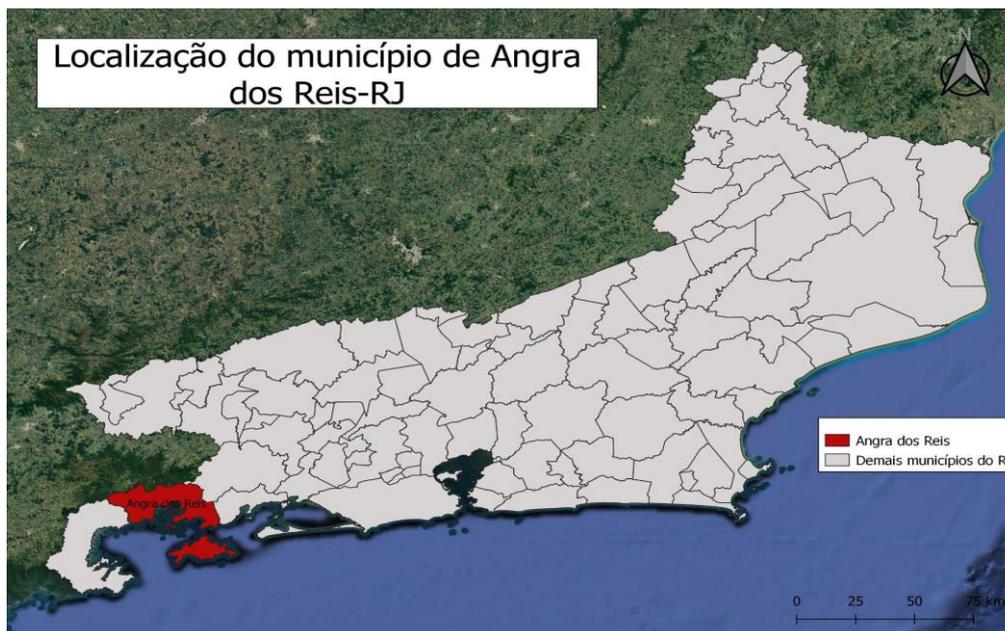
dos Reis, centralidade na região da Costa Verde (na qual é a principal influência) e um dos centros da hierarquia urbana do sul do estado do Rio de Janeiro (perdendo influência se comparado com Volta Redonda e Resende).

Uma vez que a dinâmica de violência aumenta a sensação de insegurança urbana pela população, causando além de processos segregadores problemas sociais relacionados às camadas mais carentes da população, Monteiro (2018) ressalta que com os aparatos da mídia moderna, há uma espetacularização dos fatores causadores desses problemas, o que é preocupante quando levamos em conta suas consequências:

É certo que o crescimento do número absoluto de ocorrências de homicídios e de apreensão de drogas pode alterar a percepção da população sobre a magnitude da violência local. O papel da imprensa é decisivo neste aspecto. O reconhecimento de que “violência vende jornal”, não esgota as problemáticas subjacentes ao tema: a construção heróica de personagens violentos, sejam eles policiais ou criminosos; a estigmatização da população favelada (cenário recorrente das mortes mais bárbaras e mais impactantes) e a disseminação de um medo, que, conforme nos alerta o antropólogo Pedro Bodê (mimeo), pode assumir contornos de irracionalidade. (MONTEIRO, 2018, p.129-130)

Assim, o recorte analítico dessa monografia é a análise da dinâmica da violência criminal em Angra dos Reis visando compreender como alguns tipos de crimes se especializam nos bairros da cidade. Faremos também algumas relações com dados importantes, indicadores de desigualdade social e segregação socioespacial.

Fundada logo após a chegada portuguesa no território brasileiro, a cidade de Angra dos Reis se encontra na Baía da Ilha Grande, entre a Serra do Mar e o Oceano Atlântico, no sul do Estado do Rio de Janeiro, como podemos observar no mapa abaixo:



Mapa 1: Mapa de localização do município de Angra dos Reis- RJ

Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: Própria.

Essa pesquisa está organizada em **cinco** capítulos, sendo o primeiro capítulo uma Breve Contextualização Histórica da área estudada, isso é, uma revisão do histórico da cidade e seus indicadores sociais de forma que torne possível reconhecer as especificidades do município angrense, bem como possibilitar uma análise mais precisa dos dados posteriormente trabalhados.

No capítulo **DESIGUALDADES SOCIAIS E SEGREGAÇÃO ESPACIAL**, é realizada uma revisão bibliográfica sobre os processos fragmentadores do espaço urbano de um modo geral utilizando as colocações de autores como Sposito (2013), Corrêa (2013), Harvey (1992) e Melara (2016). Neste capítulo, são conceituados os tipos de segregação, destacando os tipos de segregação socioespacial, aprofundando a discussão sobre os principais produtores do espaço urbano.

Após a discussão sobre a produção do espaço da cidade de um modo geral, aprofundaremos o assunto buscando levantar alguns elementos para entender a desigualdade social e espacial dos bairros, bem como analisamos algumas informações que podem explicar a segregação urbana, utilizando como referência os projetos de extensão e pesquisa da Universidade Federal Fluminense- Instituto de Educação de Angra dos Reis (UFF- IEAR) Conjuntura Da Costa Verde- Ano II, coordenado por Rodrigues (2017) e Diagnóstico De Segurança Pública E Social Do Município De Angra Dos Reis, organizado por Monteiro et.al (2018), bem como

publicações científicas a respeito do tema. Esse segmento também conta com a presença de mapas construídos com base nos dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) a respeito de aglomerados subnormais e renda média por domicílio.

O capítulo VIOLÊNCIA trata-se da conceituação sobre o tema da violência, apresentando os conceitos e debatendo sobre quais os principais causadores da violência criminal no meio urbano visando compreender como essa violência afeta as cidades médias no contexto atual e facilitam os processos de fragmentação urbana. Na segunda parte do capítulo, se discutirá a violência criminal em Angra dos Reis através da análise da espacialização dos indicadores de criminalidade violenta, tal como nos trabalhos de Melara e Monteiro. Nesse segmento, também serão analisadas séries históricas com o objetivo de acompanhar a evolução dos crimes na cidade, facilitando uma análise temporal dos fenômenos.

Após a contextualização sobre a dinâmica da criminalidade e processos de segregação, no capítulo ANÁLISE DA DINÂMICA DE VIOLÊNCIA NO ESPAÇO URBANO DE ANGRA DOS REIS, serão cruzados os dados analisados sobre os temas, de forma a ser possível a investigação de tal dinâmica através da dimensão espacial. Utilizamos mapas temáticos para a espacialização das ocorrências de violência criminal no município através do SIG (Sistema de Informação Geográfica) Quantum Gis (QGIS) com o objetivo de enriquecer a análise sobre essa dinâmica, cruzando com dados sobre os aglomerados subnormais e com os dados de renda.

## **1.2. Objetivos**

### **1.2.1. Objetivo Geral**

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a dinâmica da violência criminal nos bairros de Angra dos Reis-RJ, relacionando com elementos de desigualdade socioespacial.

### **1.2.2. Objetivos Específicos**

Dessa forma, com o presente trabalho esperamos atingir as seguintes metas a fim de compreender mais sobre o tema:

- Compreender brevemente como se desenvolveu historicamente e economicamente o espaço urbano de Angra dos Reis;

- Buscar e compreender alguns elementos referente as desigualdades sociais e de segregação espacial no espaço urbano;
- Analisar a dinâmica da violência criminal e insegurança nos bairros da cidade, e relacionar com elementos de desigualdade socioespacial.

### **1.3. Materiais e Métodos**

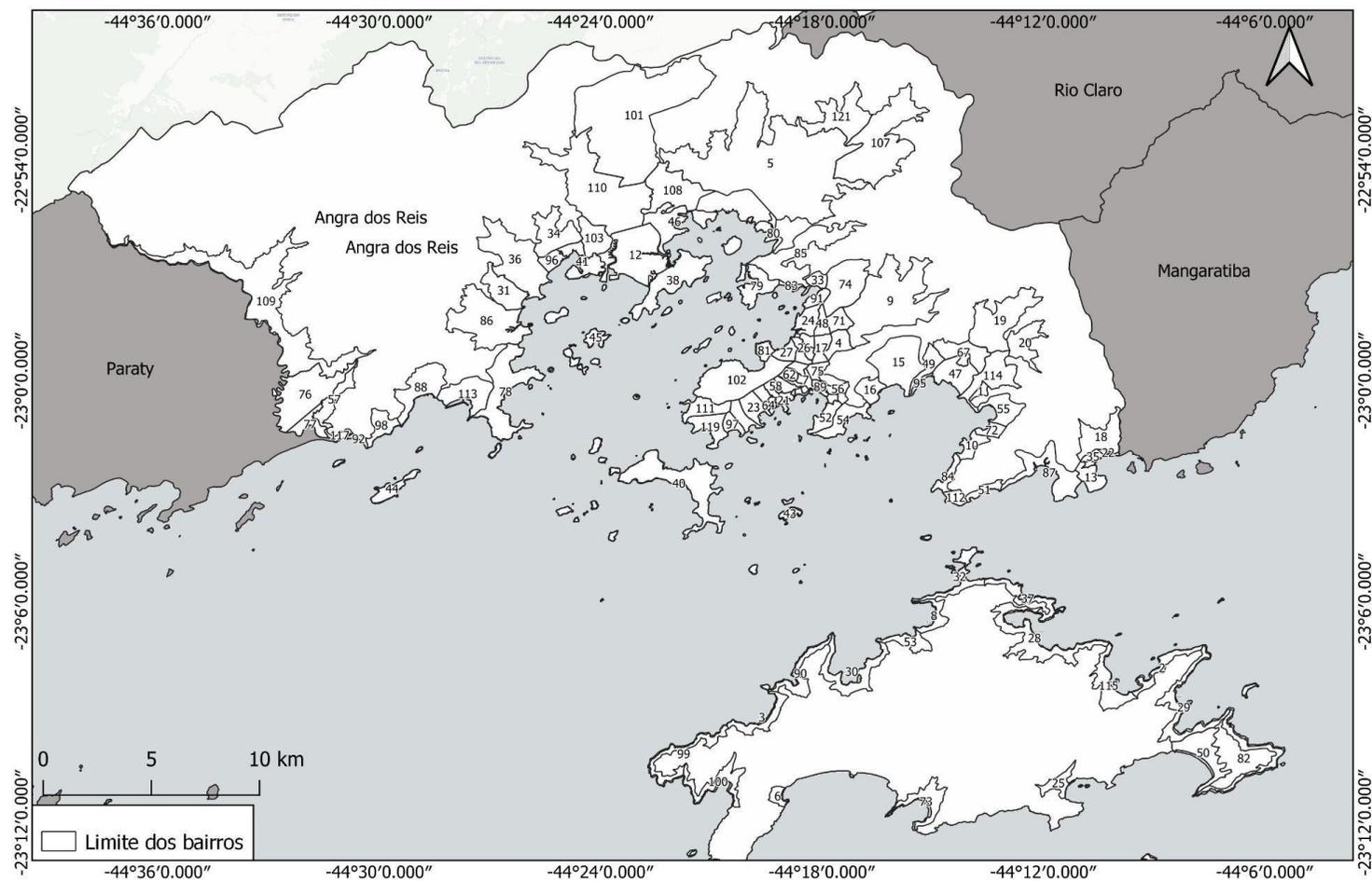
Esse trabalho foi construído junto ao projeto de iniciação científica FAPERJ coordenado pela professora Eliane Melara sobre o mesmo tema. Dessa forma, para a realização da presente pesquisa foram utilizados dos seguintes procedimentos teórico metodológicos:

Uma vez que para se debater sobre um assunto é preciso estar munido de arcabouço teórico sobre o tema, o primeiro passo da pesquisa se deu através da revisão bibliográfica, foram pesquisados textos sobre a evolução do espaço urbano em Angra dos Reis (ABREU;2004) (CHETRY;2018) (RODRIGUES et.al; 2017), sobre os processos fragmentadores e como eles atuam nas cidades médias (Harris & Ullman;1959). (HARVEY;1992) (CÔRREA; 2013) (SPOSITO; 2013) (SPOSITO E GÓES; 2013) (SANTOS E FERREIRA; 2016) (MELARA;2016), também foram verificados artigos sobre segregação em Angra dos Reis (MARTINS;SEABRA;RICHTER;2020), assim como estudos sobre violência e insegurança urbana (SOUZA; 1999) (FERREIRA e PENNA;2005) (CHAGAS;2014) (SAMPAIO;2014), que também foram trabalhados por Sposito, Góes e Melara e materiais sobre como a violência ocorre no território angrense (MONTEIRO;2018) (MONTEIRO et.al; 2018) (GUIGUES;2021).

A análise temporal da dinâmica da violência em Angra dos Reis é feita a partir da análise das séries históricas presentes no site do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio De Janeiro (ISP-RJ), visando analisar a evolução dos delitos selecionados do ano de 2018 até o mês de agosto do presente ano, uma vez que o período anterior já foi trabalho por Monteiro et.al (2018), uma das bases deste estudo, além dos dados quantitativos a pesquisa também utilizou dados qualitativos obtidos pela professora Eliane Melara através de uma entrevista (ANEXO I) com um gestor do município.

Para o mapeamento dos dados pesquisados, usamos o mapa base fornecido pela prefeitura para mapear os dados pesquisados (Figura 4)

## Bairros de Angra dos Reis- RJ



Mapa 2: Mapa dos bairros de Angra rotulados numericamente

Org: Lua de Sousa Pereira

É importante ressaltar que uma vez que a base disponibilizada possui cerca de 120 bairros e seria inviável rotular o nome de cada bairro devido à questão da poluição visual, foi escolhido o critério de numeração a fim de identificar esses bairros, dessa forma, fez-se necessária a seguinte tabela (Tabela 1) para entendermos os números que se referem a cada bairro.

Tabela 1- Rótulo numérico dos mapas

Rótulo	Nome do Bairro	Rótulo	Nome do Bairro
1	Abraãozinho	31	Frade
2	Água Santa	32	Freguesia de Santana
3	Araçatiba	33	Gamboa do Belém
4	Areal	34	Gamboa do Bracuí
5	Ariró	35	Garatucaia
6	Aventureiro	36	Grataú
7	Balneário	37	Guaxuma
8	Bananal	38	Ilha Comprida
9	Banqueta	39	Ilha da Barra
10	Biscaia	40	Ilha da Gipóia
11	Bonfim	41	Ilha do Jorge
12	Bracuí	42	Ilhas da Baía da Ilha Grande
13	Caetés	43	Ilhas da Baía da Ilha Grande
14	Caieira	44	Ilhas da Baía da Ilha Grande
15	Camorim	45	Ilhas da Baía da Ilha Grande
16	Camorim Pequeno	46	Itanema
17	Campo Belo	47	Jacuacanga
18	Cantagalo	48	Japuíba
19	Caputera I	49	Lambicada
20	Caputera II	50	Lopes Mendes
21	Centro	51	Maciéis
22	Cidade da Bíblia	52	Marinas
23	Colégio Naval	53	Matariz
24	Divinéia	54	Mombaça
25	Dois Rios	55	Monsuaba
26	Encruzo da Enseada	56	Monte Castelo
27	Enseada	57	Morro da Boa Vista
28	Enseada das Estrelas	58	Morro da Caixa D'Água
29	Enseada das Palmas	59	Morro da Carioca
30	Enseada do Sítio Forte	60	Morro da Cruz
Rótulo	Nome do Bairro	Rótulo	Nome do Bairro
61	Morro da Fortaleza	92	Praia das Goiabas

62	Morro da Glória	93	Praia do Anil
63	Morro da Glória II	94	Praia do Jardim
64	Morro do Abel	95	Praia do Machado
65	Morro do Bulé	96	Praia do Recife
66	Morro do Carmo	97	Praia Grande
67	Morro do Moreno	98	Praia Vermelha
68	Morro do Peres	99	Praia Vermelha da I. Grande
69	Morro do Santo Antônio	100	Provetá
70	Morro do Tatu	101	Reserva Indígena
71	Nova Angra	102	Retiro
72	Paraíso	103	Santa Rita do Bracuí
73	Parnaioca	104	São Bento
74	Parque Belém	105	Sapinhatuba I
75	Parque das Palmeiras	106	Sapinhatuba III
76	Parque Mambucaba	107	Serra D'água
77	Parque Perequê	108	Sertão de Itanema
78	Piraquara	109	Sertão de Mambucaba
79	Ponta da Cruz	110	Sertão do Bracuí
80	Ponta do Partido	111	Tanguá
81	Ponta do Sapê	112	Terminal da Petrobrás
82	Ponta dos Castelhanos	113	Usina Nuclear
83	Ponta dos Ubás	114	Vila da Petrobrás
84	Ponta Leste	115	Vila do Abraão
85	Pontal	116	Vila dos Pescadores
86	Porto Frade	117	Vila Histórica de Mambucaba
87	Portogalo	118	Vila Nova
88	Praia Brava	119	Vila Velha
89	Praia da Chácara	120	Village Jacuacanga
90	Praia da Longa	121	Zungu
91	Praia da Ribeira		

**Fonte:** Adaptado de ISP-RJ, 2018.

Buscando realizar uma análise espacial sobre como a violência criminal se distribui nos bairros do município, foram solicitados dados referentes às ocorrências criminais registradas no ano de 2018, ano em que esse projeto começou a ser idealizado, ao Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (ISP-RJ).

Escolhemos dados referentes a violência criminal, destacamos os delitos ligados à situação de insegurança urbana trabalhada por Melara (2016). Dessa forma, foram escolhidos os seguintes delitos: apreensão de drogas, estupros, os diferentes

tipos de furto, homicídios, lesão corporal e roubos, podendo ser divididos em três classes de acordo com a autora e Monteiro et.al (2018):

Os crimes violentos, que causam medo na população devido ao grau de violência utilizada sendo fortemente associados ao tráfico de drogas e por essa associação se encontram no grupo os crimes de: homicídio doloso e apreensão de drogas; Os crimes contra a integridade e honra que assim como os crimes violentos são associados à situação de insegurança urbana (principalmente pelos grupos mais vulneráveis), com os crimes de lesão corporal e estupro; E por fim, os crimes contra o patrimônio, roubos e furtos, que fazem com que a população tema por bens implicando no direito de ir e vir e suas vivências espaciais (MELARA;2016).

De posse dos dados solicitados, foi realizada a tabulação desses documentos, de forma que se tornou possível a criação de tabelas que foram unidas às bases de dados cartográficas disponibilizadas pela prefeitura através do programa de produção de mapas – QGIS 3.18, resultando na construção dos mapas temáticos presentes no trabalho. É importante ressaltar que, conforme apontado por Oliveira (2016), os mapas não devem ser usados como o fim da pesquisa, e sim como um meio para a análise dos fenômenos trabalhados.

Os dados criminais são importantes para análises complexas acerca da violência. Além disso, a espacialização de diferentes tipos de crimes, considerando diversas realidades urbanas pode dar margem para diferentes interpretações e análises. (MELARA, 2016, p.167)

Outra observação importante, é que como apontado por Melara (2016), os dados tendem a ocultar ou hipervalorizar informações reais, uma vez que necessitam de registro para serem contabilizados, e nesses registros pode haver um desequilíbrio nos números. Alguns tipos de dados criminais como os homicídios, por exemplo, são supernotificados quando ocorrem em áreas de classe alta, ao passo que, quando ocorrem em áreas mais empobrecidas, muitas vezes são subnotificados pela mídia e tratados de forma diferenciada pela polícia. Logo, podemos concluir que os dados secundários não explicam de fato um processo socioespacial. Assim, embora esse texto, tais índices representem grande parte das análises, tentamos cruzar com outros estudos e informações a fim de buscar uma análise mais abrangente da temática da pesquisa, conscientes de que, precisamos avançar com dados primários, especialmente no que tange as entrevistas, o que pretendemos efetivar em trabalhos futuros.

Dessa forma, esses dados foram cruzados com informações sobre os aglomerados subnormais, classificados pelo próprio IBGE e com a base de dados do portal do Ministério Público do Rio de Janeiro-mapas, verificando que a presença desses aglomerados é um fator que pode condicionar maior incidência criminal, quando analisamos essa questão no contexto das desigualdades sociais e espaciais.

Após a construção dos mapas temáticos sobre a violência criminal no município, foram espacializados os dados do censo demográfico IBGE (2010) a respeito da renda média dos domicílios por setor censitário e cruzados com a base disponibilizada dos bairros de Angra dos Reis, com o objetivo de observar como se dá a distribuição de renda no território da cidade.

Através do cruzamento dos dados de renda e violência foi possível a construção de um mapa apresentando elementos interessantes para entender a dinâmica da criminalidade nos bairros da cidade, e estabelecer algumas relações com dados socioespaciais.

## **2. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ÁREA ESTUDADA**

O território da cidade de Angra dos Reis teve sua inserção no contexto da colonização muito cedo, Abreu (2004) se baseando no princípio de divisão dos períodos históricos desenvolvido por Milton Santos, aponta que o desenvolvimento de Angra pode ser dividido em três períodos para que se compreenda como a cidade foi inserida no cenário econômico mundial: o período da expansão comercial (fins do séc. XV até 1750), o período das Revoluções Industriais (1750-1945) e o período tecnológico (a partir de 1945).

Pode-se dizer que no primeiro período, compreende a colonização europeia e corrida pela hegemonia no ocidente, principalmente entre Portugal e Espanha. Dessa forma, como visto anteriormente, a fundação da cidade de Angra dos Reis ocorreu nos primeiros anos da invasão portuguesa. Abreu (2004) aponta que nesse primeiro período, há a fundação do centro da cidade, no século XVI

Na escala local, a Baía de Angra, acessada em 1502, aparece como um dos primeiros pontos de exploração do Brasil, cuja implantação se deu conforme a lógica portuguesa de produção do espaço colonial. A região passa então a sofrer os efeitos desta globalização, abrigando setores de exploração primária voltados para o mercado externo, o que propiciou manter uma estrutura fundiária conformada em grandes latifúndios. A situação geográfica permitiu que Angra fosse tanto local de produção quanto porto para escoamento da produção do interior, inserindo o lugar no contexto da mineração aurífera do século XVIII (ABREU, 2004, p.3).

Ainda no chamado “período da expansão comercial” há registros de latifúndios agrícolas com o uso de mão de obra de pessoas escravizadas no século XVI, o autor também chama atenção para a fundação de outro núcleo urbano no município no século XVIII, a Vila Histórica de Mambucaba. Segundo Abreu (2004), esses dois centros urbanos se formaram devido a posição estratégica para o comércio segundo a lógica da metrópole portuguesa. Cabe ainda ressaltar que foi nesse período que foi estabelecida a relação econômica entre Angra dos Reis e o Setor Mundial, que, como veremos, percorre até hoje.

O segundo período pelo qual o autor divide o desenvolvimento da cidade, chamado de “período das revoluções industriais”, é marcado pela mudança na hegemonia mundial incitado pelas independências das colônias europeias e as modernizações no sistema produtivo que fizeram a Inglaterra o país mais influente no mundo (Abreu, 2004).

Segundo o autor, a mudança na hegemonia do mundo no início desse período influenciou negativamente no crescimento urbano de Angra dos Reis devido a lógica de mercado comandado pela Inglaterra ser diferente dos países que outrora tinham maior influência sobre o Brasil. A metrópole inglesa visava um modelo de produção que mesmo de forma precária, possibilitou à atual divisão internacional do trabalho, no qual nosso país tem o papel de produtor primário.

Acrescenta-se a isso que o crescimento industrial nos países Europeus e nos Estados Unidos passa então a estimular um fortalecimento da produção de produtos primários e extrativistas nas novas nações “independentes” (no caso brasileiro, notadamente, o café, o cacau e a borracha). (ABREU, 2004, p.4).

Portanto, uma vez que Angra dos Reis não se destacava no modelo de produção que foi imposto no mundo pelas forças inglesas que privilegiavam as cidades com o modelo de exploração campo-cidade, Abreu reforça que o município se manteve na produção de produtos primários, como a produção agrícola e a pesca atividades que eram empregadas desde a colonização portuguesa.

Contida por tais forças, Angra dos Reis continuou atrelada às atividades primárias, especialmente à cafeicultura. A riqueza então proporcionada permitiu que em março de 1835, Angra passasse de vila à categoria de Cidade. Seu núcleo urbano central tornou-se um pouco mais dinâmico (figura 1), mantendo-se, contudo, subordinado à premência comercial da cidade do Rio de Janeiro. (ABREU, 2004, p.4).

Tanto Monteiro (2018) quanto Abreu (2004), concordam que a criação da estrada de ferro para o escoamento da exploração mineral de Minas Gerais aos portos

do estado do Rio de Janeiro e posteriormente a integração dessa linha férrea à malha ferroviária nacional no início do século foram fatores determinantes para o desenvolvimento da cidade como é conhecida atualmente, um outro fator importante que ocorreu nesse período é a modernização do porto da cidade, impulsionada pela indústria metalúrgica em Volta Redonda (ABREU; 2004).

No chamado "período tecnológico", que compreende a segunda metade do século XX até a redemocratização, Abreu aponta que a infraestrutura de Angra teve seu avanço de acordo com a industrialização do país, de modo que com a chegada da indústria naval toda a dinâmica da cidade foi mudada. De acordo com o autor, com a implementação do estaleiro Verolme na década de 1960, se tem o surgimento de um novo núcleo urbano, que podemos apontar como o primeiro passo para a formação de uma das centralidades atuais do município, o bairro Jacuecanga.

Além disso, nesse período houve um crescimento econômico da cidade, tanto pelo setor industrial quanto por incentivos do Governo Federal (Abreu;2004), o que refletiu no espraiamento urbano e na ascensão econômica dos setores mais populares, como os metalúrgicos.

O núcleo urbano central do Município se amplia em direção aos morros e se desenvolve com maior dinâmica. A classe média se expande com o incremento no comércio. Trata-se então, da consolidação da modernização capitalista no âmbito local, modernização esta que viria a se manifestar mais incisiva e drasticamente nas décadas seguintes (ABREU, 2004, p.5).

Um outro ponto chave no desenvolvimento urbano do município apontado pelos textos analisados, foi a construção da Rodovia Br-101, conhecida como Rio-Santos na região, na década de 1970). De acordo com Abreu (2004) a obra realizada no período do regime militar, diminuiu o trajeto de Angra dos Reis à capital do estado e com isso colocou o município angrense em destaque para o setor turístico-imobiliário, que como veremos neste trabalho, é apontado como agentes ativos do sistema capitalista no espaço urbano, fomentando a economia local e auxiliando na expansão da cidade. Um outro investimento de grande importância ocorrido na época, foi a construção da Usina Nuclear (Angra I em 1975 e Angra II em 1982) responsável pela atual centralidade do bairro Parque Mambucaba, bairro vizinho ao município de Paraty. Dessa forma, Abreu destaca as seguintes colocações sobre a evolução do espaço urbano do município

Surgem inúmeros núcleos urbanos dispersos e desarticulados ao longo da orla (figura 3). Dentre eles, espaços segregados, núcleos autônomos, áreas invadidas, bairros inteiros desprovidos de infraestrutura urbana, enclaves

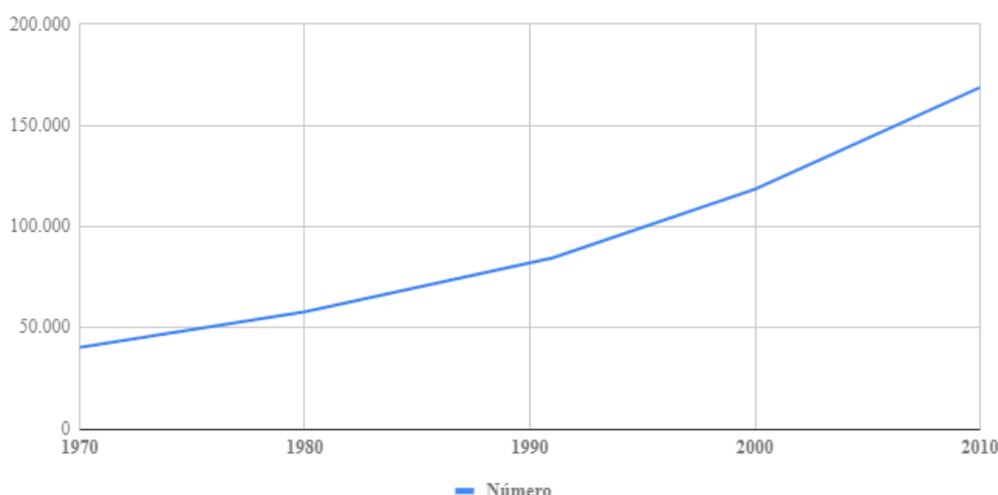
monopolizando recursos ambientais como praias privadas etc. O núcleo central se expande pelas encostas a montante, e alcança a planície após a vertente, numa ocupação espontânea e carente de serviços urbanos. [...]. O aumento populacional é ascendente, conforme pode se perceber através do gráfico (figura 4). A sociedade local se diversifica em novas camadas sociais, rebatendo no espaço uma estrutura urbana de maior complexidade e conflitos]. [...]. Angra dos Reis torna-se um pólo dispersor da modernidade. Subordina assim outros subespaços contíguos ou não. A elite econômica nacional passa a cobiçar a mercadoria assim transmutada pelo capital ao apropriar-se de suas amenidades e difundir, por meio da mídia, um estilo de vida a ser demandado. (ABREU, 2004, p.6).

Após o período citado, nos anos finais da década de 1980, Angra passa por um período de esfriamento da economia por dois principais fatores: a falência do estaleiro e a diminuição dos investimentos federais face à recuperação econômica do período militar e a desvalorização da moeda local.

No começo dos anos 2000 há a reabertura do estaleiro pela empresa Brasfels, que impulsionado pela alta da indústria do petróleo na primeira década do milênio expande a economia local, atraindo migrantes de diversos estados da federação, como apontado por Chetry (2018), tendo uma diminuição na produção na crise 2008. Como podemos observar tanto nos estudos a respeito da cidade, quanto no gráfico abaixo (Figura 2), é nesse período que Angra dos Reis dá um salto populacional.

Gráfico 1: Gráfico de evolução da população (1970-2010)

### **Evolução da População** (1970 - 2010)



Fonte: IBGE; Observa Angra

Org: Superintendência de Políticas Públicas de Angra dos Reis

O crescimento populacional se manteve exponencial, no ano atual (2021) de acordo com o IBGE a população residente em Angra dos Reis é estimada atualmente

em 210.171 habitantes, dessa forma, nota-se que do último censo para cá, a população aumentou em aproximadamente 40 mil habitantes (cerca de 170 mil em 2010). Dessa forma, em 2010 a população dos bairros da cidade era aproximada à da tabela abaixo:

Tabela 2- População residente por bairro de Angra dos Reis (2010)

Tabela 202 - População residente, por sexo e situação do domicílio	
Variável - População residente (Pessoas)	
Situação do domicílio - Total	
Ano - 2010	
Sexo - Total	
Bairro	População
Água Santa - Angra dos Reis (RJ) 707	707
Biscaia - Angra dos Reis (RJ)220	220
Bonfim - Angra dos Reis (RJ)663	633
Caetés - Angra dos Reis (RJ)517	517
Camorim - Angra dos Reis (RJ)4853	4853
Camorim Pequeno - Angra dos Reis (RJ)2164	2164
Cantagalo - Angra dos Reis (RJ)1363	1363
Caputera I - Angra dos Reis (RJ)735	735
Caputera II - Angra dos Reis (RJ)236	236
Centro - Angra dos Reis (RJ)3051	3051
Cidade Bíblica - Angra dos Reis (RJ)28	28
Colégio Naval - Angra dos Reis (RJ)71	71
Garatucaia - Angra dos Reis (RJ)575	575
Ilha da Gipóia - Angra dos Reis (RJ)167	167
Maciéis - Angra dos Reis (RJ)16	16
Marinas - Angra dos Reis (RJ)1185	1185
Mombaça - Angra dos Reis (RJ)215	215
Monsuaba - Angra dos Reis (RJ)6631	6631
Monte Castelo - Angra dos Reis (RJ)863	863
Morro da Caixa D'água - Angra dos Reis (RJ) 3123	3123
Morro da Fortaleza - Angra dos Reis (RJ)990	990
Morro da Glória I - Angra dos Reis (RJ)1417	1417
Morro da Glória II - Angra dos Reis (RJ)1910	1910
Lambicada - Angra dos Reis (RJ)1349	1349
Morro do Abel - Angra dos Reis (RJ)1218	1218
Morro do Carmo - Angra dos Reis (RJ)2504	2504
Morro do Moreno - Angra dos Reis (RJ)793	793
Morro do Perez - Angra dos Reis (RJ)3295	3295
Morro do Santo Antônio - Angra dos Reis (RJ) 1773	1773

Morro do Tatu - Angra dos Reis (RJ) 605	607
Paraíso - Angra dos Reis (RJ)390	390
Balneário - Angra dos Reis (RJ)3550	3550
Parque das Palmeiras - Angra dos Reis (RJ) 2051	2051
Ponta Leste - Angra dos Reis (RJ) 298	298
Portogalo - Angra dos Reis (RJ) 921	921
Praia da Chácara - Angra dos Reis (RJ)396	396
Praia do Anil - Angra dos Reis (RJ)687	687
Praia do Machado - Angra dos Reis (RJ)514	514
Praia Grande - Angra dos Reis (RJ)215	215
Sapinhatuba I - Angra dos Reis (RJ)1249	1249
Sapinhatuba III - Angra dos Reis (RJ)1436	1436
Tanguá - Angra dos Reis (RJ)154	154
Verolme - Angra dos Reis (RJ)4002	5.978
Vila da Petrobrás - Angra dos Reis (RJ)729	729
Village - Angra dos Reis (RJ)1912	1912
Morro da Cruz - Angra dos Reis (RJ)601	601
Vila Nova - Angra dos Reis (RJ)5733	5733
Areal - Angra dos Reis (RJ)3764	3764
Banqueta - Angra dos Reis (RJ)1385	1385
Bracuí - Angra dos Reis (RJ)3621	3621
Caieira - Angra dos Reis (RJ)343	343
Campo Belo - Angra dos Reis (RJ)7939	7939
Encruzo da Enseada - Angra dos Reis (RJ) 2606	2606
Enseada - Angra dos Reis (RJ)531	531
Frade - Angra dos Reis (RJ)11758	11758
Gamboa do Belém - Angra dos Reis (RJ)1240	1240
Gamboa do Bracuí - Angra dos Reis (RJ)378	378
Grataú - Angra dos Reis (RJ)29	29
Ilha Comprida - Angra dos Reis (RJ)24	24
Ilha da Barra - Angra dos Reis (RJ)5	5
Ilha do Jorge - Angra dos Reis (RJ)371	371
Itanema - Angra dos Reis (RJ)5197	617
Japuíba - Angra dos Reis (RJ)6773	5197
Nova Angra - Angra dos Reis (RJ)6773	6773
Parque Belém - Angra dos Reis (RJ)7863	7863
Piraquara - Angra dos Reis (RJ)132	132
Ponta da Cruz - Angra dos Reis (RJ)166	166
Ponta da Ribeira - Angra dos Reis (RJ)4	4
Ponta do Partido - Angra dos Reis (RJ)15	15
Ponta do Sapê - Angra dos Reis (RJ)380	380
Pontal - Angra dos Reis (RJ)363	363
Porto Frade - Angra dos Reis (RJ)182	182

Praia da Ribeira - Angra dos Reis (RJ)2092	2092
Praia do Recife - Angra dos Reis (RJ)40	40
Retiro - Angra dos Reis (RJ)261	261
Santa Rita do Bracuí - Angra dos Reis (RJ)3548	3548
Abraãozinho - Angra dos Reis (RJ)33	33
Freguesia de Santana - Angra dos Reis (RJ)49	49
Guaxuma - Angra dos Reis (RJ)71	71
Parnaioaca - Angra dos Reis (RJ)11	11
Ponta dos Catelhanos - Angra dos Reis (RJ)2	2
Praia da Longa - Angra dos Reis (RJ)152	152
Vila do Abraão - Angra dos Reis (RJ)1971	1971
Araçatiba - Angra dos Reis (RJ)265	265
Bananal - Angra dos Reis (RJ)106	109
Lopes Mendes - Angra dos Reis (RJ)7	7
Matariz - Angra dos Reis (RJ)274	274
Enseada das Palmas - Angra dos Reis (RJ)118	118
Provetá - Angra dos Reis (RJ)40	40
Enseada do Sítio Forte - Angra dos Reis (RJ)107	107
Aventureiro - Angra dos Reis (RJ)93	93
Morro da Boa Vista - Angra dos Reis (RJ)773	773
Parque Mambucaba - Angra dos Reis (RJ)15763	15763
Parque Perequê - Angra dos Reis (RJ)3026	3026
Praia Brava - Angra dos Reis (RJ)1585	1585
Praia das Goiabas - Angra dos Reis (RJ)11	11
Praia Vermelha - Angra dos Reis (RJ)132	132
Vila Histórica de Mambucaba - Angra dos Reis (RJ) 706	706
Morro da Carioca - Angra dos Reis (RJ)1337	1337
Praia do Jardim - Angra dos Reis (RJ)1308	1308
Terminal da Petrobrás - Angra dos Reis (RJ)78	73
Vila Velha - Angra dos Reis (RJ)592	592
Vila dos Pescadores - Angra dos Reis (RJ)169	169
Praia Vermelha da Ilha Grande - Angra dos Reis (RJ)191	191
Enseada das Estrelas - Angra dos Reis (RJ)424	424
Fonte: IBGE - Censo Demográfico	

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2010)

Org: Hugo Leonardo e Eliane Melara (UFF-IEAR;2019)

É possível pontuar que, assim como apontado por Chetry (2018), o processo de urbanização ocorreu de maneira extremamente desigual o que acarretou uma série de problemas que atuam tanto no espaço físico da cidade quanto na população residente, processos estes que serão desenvolvidos nos próximos capítulos.

### **3. DESIGUALDADES SOCIAIS E SEGREGAÇÃO ESPACIAL**

Com a metropolização ocorrida após os processos de reestruturação produtiva e processos de desconcentração industrial dos grandes centros e posteriormente as ascensões do setor de serviços nas grandes metrópoles, processos de segregação e fragmentação socioespacial são intensificados com a presença de novas formas urbanas não existentes no período anterior a década de 1960-1970 nas grandes cidades mundiais.

Entre esses processos, podemos citar a criação das novas centralidades, a segregação induzida ou imposta das camadas mais pobres da população, utilizando a lógica de que a classe operária antes habitava os centros, pois era onde as fábricas se localizavam, daí com o processo de desindustrialização dos centros, essa população teve que se deslocar para a periferia, pois com as novas estruturas que chegam a cidade com o processo de metropolização, o custo de vida dos centros aumentava, o que acaba por expulsar os menos abastados dessas cidades. (Harris & Ullman, 1959).

Também podemos citar que com o crescimento populacional que ocorreu como consequência desses processos, e inevitavelmente o crescimento dos índices criminais e dificuldade de mobilidade urbana concentrado nos grandes centros, as classes mais ricas tendem a se isolar (autossegregação) nos chamados condomínios fechados ou loteamentos murados (SOUZA;1999). Dessa forma a metrópole torna-se um instrumento de segregação socioespacial, uma vez que os mais pobres se alocam nas periferias pobres sem acesso às infraestruturas necessárias e os mais ricos usufruem de todas as infraestruturas que a integração entre a cidade e o próprio capital proporciona.

Uma vez expostos os processos que levaram à atual formação das cidades no mundo, é necessário discorrer sobre o conceito segregação, uma vez que esse fenômeno que ocorre de forma complexa em várias escalas de cidade modifica significativamente a forma urbana moderna. Para isso, é necessário levantar algumas questões sobre esse processo: o que é a segregação socioespacial em si? Quais são os principais agentes desse processo? E por último, voltaremos aos tipos de segregação citados acima a fim de elucidar possíveis dúvidas sobre as causas e consequências desses processos.

Segregação socioespacial é o nome dado ao fenômeno ou conjunto de fenômenos que fragmentam o espaço urbano, dessa forma, seria possível aproximarmos o conceito à uma forma de expressão física da diferença entre as classes sociais no meio urbano em meio a sociedade capitalista (mesmo que em um país periférico como o Brasil). Porém, nos referindo a Sposito (2013, p. 64) "Nem todas as formas de diferenciação e de desigualdades são, necessariamente, formas de segregação." Portanto, se torna difícil responder "O que é segregação?" de forma simples, sem tornar esse termo impreciso, vista complexidade do conceito a autora nos mostra qual seria a definição mais próxima do que se conhece como fragmentação socioespacial: "[...]conjunto das formas de diferenciação e segmentação socioespacial presentes nos espaços urbanos contemporâneos, incluindo-se entre elas o par segregação↔autossegregação". (SPOSITO; 2013, p. 80), podemos associar isso à definição de Corrêa (1989) de que a segregação é a expressão espacial das classes sociais, e concluir que a segregação socioespacial seria algo próximo a marginalização (tanto no sentido físico quanto no sentido social) de determinados sujeitos por fatores sociais e econômicos no espaço urbano.

Quando encaramos a cidade como um espaço segregado, é preciso levar em conta quem ou o quê "organizou" a cidade dessa forma, para isso é necessário contextualizar esse espaço na dinâmica mundial refletindo que a cidade é o resultado através da dinamização das relações produtivas dentro da cidade. Desse modo, as metrópoles e as cidades de porte médio passaram a sintetizar as dinâmicas envolvidas na globalização e suas redes de influência. Além disso, as cidades se tornaram espaços da produção capitalista, considerando as mudanças ocorridas nesse sistema desde um capitalismo industrial até um capitalismo de acumulação flexível. (Haesbaert e Porto-Gonçalves (2006), Harvey (1989), Soja (1993).

Visto isso, é preciso ter em mente que a metrópole deixa de ser uma mera aglomeração urbana e passa a ser vista como um ponto de atração ou repulsão de elementos que designarão sua influência (hierarquia urbana). Nesse contexto, desde a década de 1970 muitas cidades médias também vêm se destacando na hierarquia urbana brasileira, quando analisamos a rede urbana do Brasil. (CORRÊA;1994). Assim, essas cidades passam a competir por atenção do capital, uma vez, que essa influência geralmente é conquistada através de crescimento econômico, ou seja, o primeiro fator que fragmenta a cidade é o capital, ou ainda, o capitalismo em si, dentro

desse elemento podemos destacar o setor imobiliário reconhecido como um motor da transformação do espaço urbano.

Portanto, além dos detentores de capital (os donos dos meios de produção e as elites econômicas e sociais) também é necessário citar o Estado como um produtor do espaço urbano (nos baseando em Corrêa, 1989), uma vez que através de políticas de terra e habitação o poder público movimenta uma parcela expressiva da população e como o Estado sempre se alia ao capital no sistema econômico que vivemos, fica claro que tais políticas beneficiam a especulação imobiliária.

Além disso, o conjunto Estado/capital seleciona quais espaços produtivos terão destaque na cidade, dessa forma, podemos nos remeter novamente a Corrêa (2013), quando dizemos que os principais produtores da segregação na cidade são as classes dominantes e o Estado, uma vez que esses agentes têm o poder de influenciar onde os diferentes estratos da sociedade irão se espacializar nas cidades.

Porém tal segregação não ocorre de forma homogênea (Sposito, 2013), uma vez que as classes economicamente menos favorecidas que habitam a cidade não são atores estáticos, fazendo com que ocorra diferentes tipos de segregação nesse espaço, como exposto por Santos e Ferreira:

Não menos importantes, os grupos sociais excluídos também são agentes produtores do espaço urbano. Grande parcela da população não tem condições de arcar (comprar ou alugar) com uma moradia digna. Tal fato é reflexo do sistema vigente. A segregação que acontece em nossa sociedade se dá de diferentes formas: social, trabalhista, religiosa ou cultural. Entretanto, é na segregação espacial que se pode observar mais nitidamente esse fenômeno. (SANTOS; FERREIRA, 2016, p.185).

Dessa forma, volto a frisar que é imprescindível que tenhamos em mente que para analisarmos tais segmentos da segregação, não podemos nos esquecer do papel da cidade em meio ao sistema capitalista e tudo que isso acarreta. Melara baseando-se em Carlos (2001), analisa que:

[...]As mudanças na morfologia urbana são estabelecidas em prol de um melhor desempenho econômico daquele espaço. Muitas dessas transformações podem favorecer as classes mais abastadas, e desfavorecer as classes dos mais pobres, e muitas vezes, ignoram o valor simbólico desse espaço urbano e as práticas socioespaciais ali estabelecidas. Nas transformações recentes percebemos um aumento da desigualdade social, a cidade passa a ter moradores das diferentes classes sociais, que não se misturam, o encontro só acontece em função das relações de trabalho, por exemplo. (MELARA, Eliane. 2016, p.100)

Nos valendo dos estudos de Corrêa (1989), analisamos que, a dinâmica econômica da cidade interfere na organização espacial dela, o que faz com que ocorra

esses diferentes tipos de segregação relacionados a reprodução de diferentes classes ou estratos da população, considerando questões sociais, econômicas e de infraestrutura urbana. Dentre essas, a primeira forma de segregação que podemos trabalhar é a segregação imposta. Esse processo pode ser resumido pelo alocação ou realocação não espontânea ( na grande maioria dos casos) das classes mais pobres da população, de forma que esses indivíduos passem a ocupar os espaços com menor acesso às infraestruturas da cidade, isso ocorre, porque devido aos processos de transformação da cidades, tais como a gentrificação, pela qual ocorre uma valorização tanto imobiliária quanto comercial nas áreas que anteriormente eram mais pobres, fazendo com que a população original se desloque desse espaço por não ter condições financeiras de se manter nesse espaço, como expressado abaixo.

Gentrificação (do inglês gentry: baixa nobreza) urbana é a “restauração” da propriedade urbana deteriorada, especialmente em bairros populares, pelas classes média e alta, mas é ainda uma elitização espacial dessas áreas. Smith e Williams sintetizam o termo dizendo: “Como a terminologia sugere, ‘gentrificação’ conota um processo que opera o mercado imobiliário residencial. Ele se refere à reabilitação de habitações populares ou abandonadas e a subsequente transformação de uma área em um bairro de classe média.” (SMITH; WILLIAMS, 1989, p. 96-120 apud SOUZA, 2013, p. 134). (apud SANTOS; FERREIRA, 2016, p.180)

Porém, mesmo a gentrificação sendo um fator que favorece a segregação imposta, sendo um processo importante para compreendê-la, não podemos resumir esse conceito por esse processo, uma vez que há uma infinidade de fatores que fazem com que os estratos mais pobres das população se organizem na cidade moderna da forma em que vemos atualmente, ou seja, mesmo que as questões econômicas sejam o principal fator da marginalização desses sujeitos, a cultura e a violência também são fatores que interferem nos processos de segregação, como podemos ver exemplo da cidade de Los Angeles discutido por Davis, 1990<sup>1</sup>.

Além da segregação imposta, temos a segregação induzida, que afeta mais a população de renda média, de modo a oferecer algumas escolhas (onde morar, o que fazer e outras práticas espaciais.) dentro do possível (Corrêa, 2013). Essa segregação induzida acaba por atingir um número maior de “classes sociais” devido a heterogeneidade desse público, quando analisamos renda, trabalho, local de moradia entre outras questões importantes.

---

<sup>1</sup> Citado e analisado na tese de Melara (2016).

Em paralelo a esses dois tipos de segregação que fazem com que a população ocupe determinados espaços sem ter ou quase não ter escolha própria, há a autosegregação praticada pelas classes mais abastadas economicamente. Esse tipo de segregação está diretamente ligado ao conceito de *gated communities* como conhecido na literatura norte-americana ou, no Brasil conhecidos enquanto espaços residenciais fechados, condomínio exclusivos, enclaves fortificados etc. (MELARA, 2016), no qual os indivíduos mais ricos se afastam da cidade devido ao aumento da violência e do caos urbano.

Como visto anteriormente, o setor imobiliário é um dos principais produtores do espaço urbano, e como consequência disso, um dos principais agentes da segregação socioespacial. Para Sposito (2013), a autosegregação se difere dos outros tipos de segregação por sua natureza “mista”, uma vez que interfere tanto na esfera dos produtores do espaço (donos dos meios de produção, grandes capitalistas, etc.) quanto na esfera dos consumidores, uma vez que a partir do momento que uma grande quantidade de possíveis consumidores passam a habitar uma parte da cidade que não possui um mercado para absorver as necessidades de consumo desses indivíduos, os detentores de capital passam a investir em empreendimentos (tanto comerciais quanto imobiliários) na área, como *shopping centers*, condomínios de luxo, parques temáticos, entre outros ambientes fechados e monitorados.

No entanto, uma vez que esses estabelecimentos necessitam de funcionários, há um deslocamento da população de baixa e média renda para trabalhar nesses espaços provocando, de certo modo, um encontro de estratos sociais diferenciados, porém com funções diferentes na produção do espaço, bem como na realização das práticas socioespaciais, produzindo uma fragmentação socioespacial que vai além dos espaços de moradia, atingindo espaços diferenciados de circulação: escolas, academias, lojas, restaurantes com preços muito exorbitantes versus espaços com preços mais populares.

A fragmentação pode existir também pelo uso de alguns espaços em horários diferenciados, como por exemplo, no caso de algumas cidades médias que apresentam apenas um ou dois *shopping centers* para a cidade toda. Nos estudos realizados por Gaspar no Shopping Park Sul, em Volta Redonda, ficou evidente nas entrevistas realizadas com funcionários das lojas, que o domingo é um dia da semana evitado pelas classes média-alta, ao mesmo tempo em que costumam frequentar as lojas de grife e restaurantes mais caros dentro desses ambientes (GASPAR, 2021).

Sposito complementa essa análise, colocando que esses espaços segregados "geram uma cidade em que diminuem os espaços de convívio entre todos e na qual a esfera da vida pública se realiza em grande parte em espaços que não são públicos, embora sejam de uso coletivo." (Sposito, 2013, p. 82). Segundo a autora, o processo de fragmentação urbana engloba os processos de segregação/autossegregação, uma vez que através desses mecanismos são criadas centralidades, ou seja, a questão vai além da localização da moradia dos indivíduos, uma vez que essa condição torna possível que essas pessoas não frequentem os mesmos espaços e nem tenham as mesmas práticas espaciais, formando centralidades fragmentadas.

### **3.1. Desigualdades sociais e segregação espacial em Angra dos Reis-RJ**

Em virtude da pandemia da Covid-19, não foram efetivados os trabalhos de campo planejados para realização desse trabalho, assim, fica explícita a necessidade de uma pesquisa mais aprofundada acerca do tema. Portanto, este capítulo servirá como uma contextualização de alguns elementos que explicitam as desigualdades socioespaciais, bem como, trazem algumas informações para analisar a segregação urbana. Isso se faz importante na medida em que enriquece a análise sobre a violência urbana.

Como apontado por Martins, Seabra e Richter (2020), o município de Angra dos Reis é mundialmente conhecido por sua exuberante beleza natural e os diferentes tipos de turismo praticados em seu território, destacando-se o turismo de luxo (como resorts) e o ecoturismo. Entretanto, ao contemplarmos a paisagem urbana fica visível a grande segregação espacial presente, sendo forte o contraste entre os espaços habitados entre a população mais carente e as classes mais abastadas.

Seja devido ao aumento abrupto da população, como apontado por Monteiro *et.al* (2018) ou pela dificuldade de crescimento horizontal devido à sua posição de confinamento entre a Serra do Mar e o oceano (GUIGUES;2020), a prática de ocupação de encostas e áreas de risco de desastre é uma realidade no município. Um argumento que embasa essa afirmação é que de acordo com o Censo IBGE 2010, cerca de mais de um terço da população habitava os chamados aglomerados subnormais, possuindo principalmente imóveis irregulares que apresentam riscos para os próprios moradores em razão da impossibilidade habitar áreas mais seguras, como apontado pelos autores do documento Conjuntura da Costa Verde - Ano dois no trecho abaixo e nas figuras 1 e 2:

Um fator agravante é que a localização das habitações situadas em aglomerados subnormais tende a ser aquela caracterizada pelo improviso, a autoconstrução e a falta de projeto de instalação em morros, margens de ferrovias e rodovias e ao longo das planícies inundáveis de rios. Como fatores de risco, tais localizações agravam a possibilidade de deslizamentos, alagamentos e assoreamentos. Por outro lado, colocam a população em uma posição de extremo perigo quando da ocorrência de desastres associados às características morfoclimáticas regionais, como os eventos ocorridos no final do ano de 2010 (RODRIGUES *et. al*, 2017, p. 43).



Figura 1: Panorama do centro de Angra dos Reis  
Fonte: Prefeitura Municipal de Angra dos Reis90

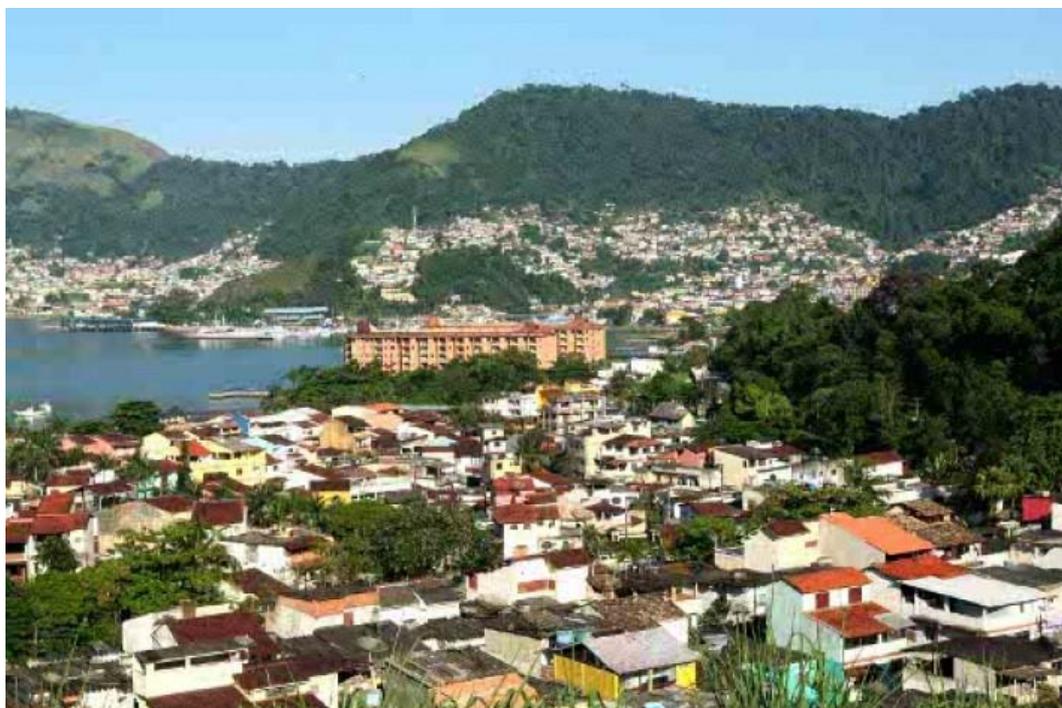


Figura 2: Vista do bairro Praia do Jardim (ocupações ao fundo)  
Fonte: Empresa Brasil de comunicação (EBC) (2014)

Como podemos ver no mapa (Mapa 03), de acordo com o censo do IBGE de 2010, uma parcela mínima dos domicílios possuía rendimentos acima de cinco mil

reais (10 salários-mínimos em 2010), em paralelo a maior parte das áreas delimitadas que tinha rendimento entre zero e mil reais (entre 0 à 2 salários em 2010), o bairro de Praia Brava (88) se destaca com a maior renda média da cidade, sendo ela aproximadamente R\$ 6.675,00 em 2010, seguido pelo bairro do Porto Frade (que pode incluir o condomínio e o hotel de luxo) (86) com uma média de R\$ 4.912,00, o Bairro Praia do Jardim (94) (que compreende dois condomínios fechados) e o bairro Praia da Ribeira (que alterna entre o condomínio com o mesmo nome e "espaços livres") com R\$ 3.004,00. Com exceção do bairro para do Jardim, que se localiza na área central, a maior parte dos bairros com maiores rendimentos se encontram principalmente após o bairro da Japuíba, longe do Centro da cidade que se encontra na décima posição no quesito renda média por domicílio com a média aproximada de R\$ 2.356,00.<sup>2</sup>

Em contraponto, temos os bairros Caputera II (20) com uma média de R\$ 675,00, Monte Castelo (17) com R\$ 701,00, Banqueta (09) tendo média de R\$ 704,50 e o bairro do Campo Belo (44) com 752,00 na porção continental de Angra e os bairros Ponta dos Castelhanos (82) possuindo renda média domiciliar de R\$ 510,00, o Aventureiro (06) com R\$ 527,00, bem como, Araçatiba (03) possuindo R\$ 627,00 e a Enseada das Estrelas (28) com R\$ 674,00, na Ilha Grande e baía.

A população mais rica se concentra principalmente na área central, havendo também uma porção nos bairros nas extremidades da cidade - em praias, muitas delas "privatizadas" ou "fechadas", enquanto isso podemos observar que a parcela mais pobre se concentra principalmente nos bairros que possuem mais aglomerados subnormais, e especialmente em áreas íngremes.

Vale ressaltar que parte desses aglomerados se encontram nas áreas mais populosas da cidade (Tabela 2), havendo uma presença marcante dos chamados "morros" principalmente nas áreas próximas às centralidades (Centro e Japuíba) da cidade (Guigues;2021), como podemos ver no Mapa 04, que foi elaborado com base nos dados do IBGE de 2010 através da ferramenta QGIS.

Podemos notar que a presença desses aglomerados não se resume aos limites políticos dos bairros da cidade, criando um processo entre os bairros semelhante a

---

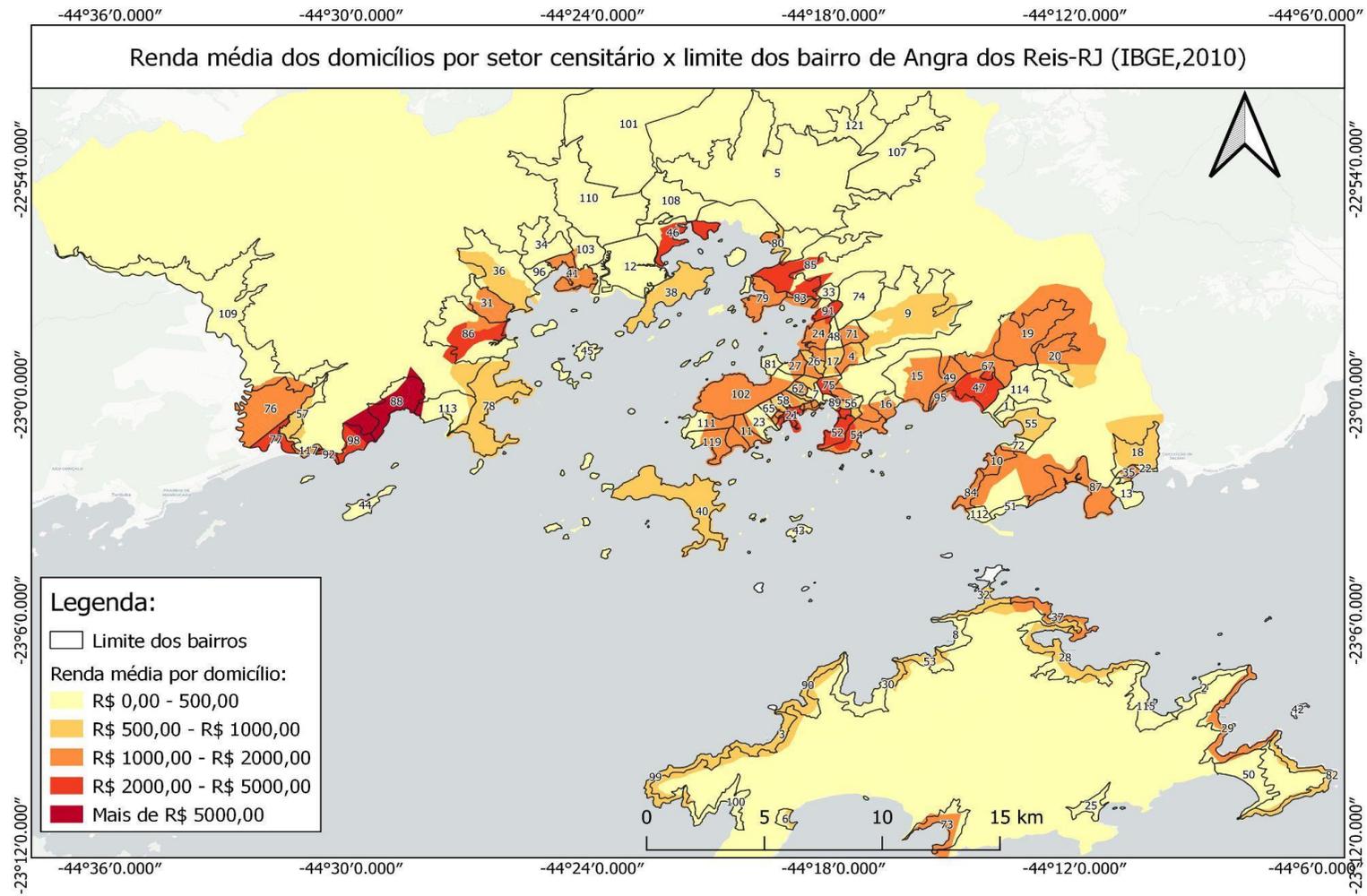
<sup>2</sup> Sabemos que muitos proprietários de casas em condomínio de luxo não vivem em Angra dos Reis, e geralmente são grandes empresários ou pessoas famosas, cujos rendimentos são altíssimos. Os caseiros desses condomínios têm um rendimento médio que vai entre 3 e 6 salários-mínimos contando com os valores atuais. (Trabalho de Campo, 2021).

conurbação entre duas metrópoles, o crescimento desordenado desses aglomerados cria zonas mistas entre os bairros, que ao longo do tempo evoluem para novos bairros, isso é notório no município de Angra dos Reis, sendo a localidade Japuíba, constituído por diversos “sub-bairros”

No Mapa 05 foram cruzados os dados relativos à renda média por domicílio e os dados de aglomerados subnormais do IBGE, uma vez que a ilha Grande não possui nenhum aglomerado registrado, ela foi excluída do recorte espacial. Nota-se que os aglomerados não são exclusivos das áreas com menor renda, estando situados por toda cidade, inclusive nos bairros de renda média (principalmente na região central e distrito de Jacuecanga).

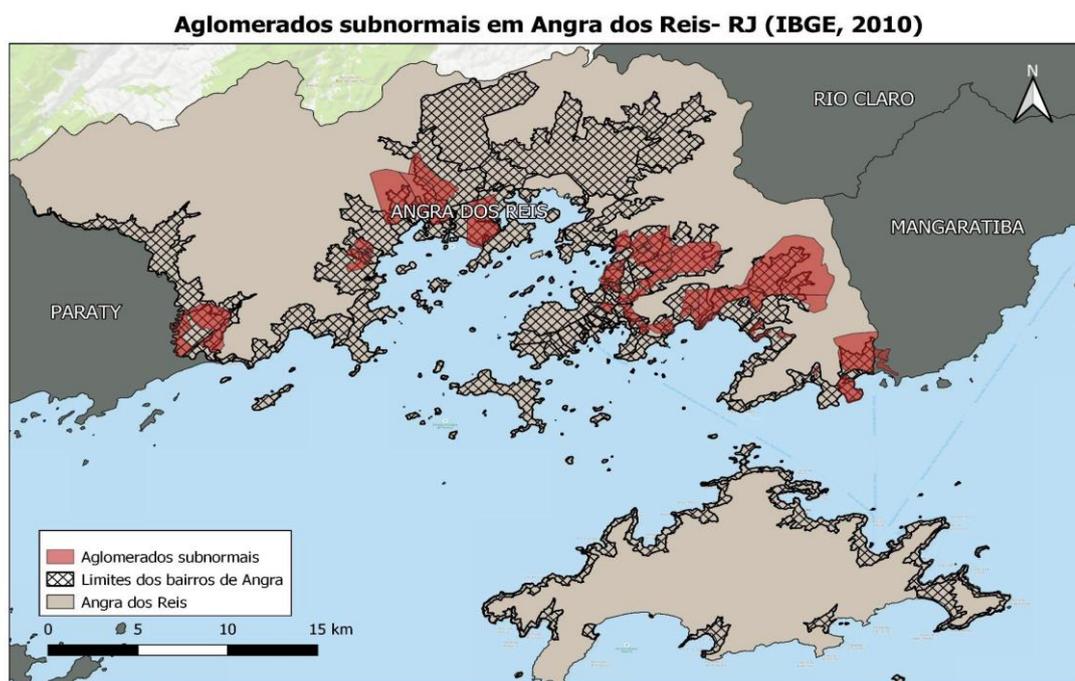
Assim como trabalhado por Martins, Seabra e Richter (2020), um fator diferencial quando se trata de segregação socioespacial sem dúvida é a presença dos grandes empreendimentos de luxo, como resorts, condomínios residenciais fechados, hotéis entre os outros. Como exemplo de espaços residenciais fechados temos os Condomínios Porto Frade, Porto Bracuhy e o Porto Galo, os maiores empreendimentos fechados existentes em Angra dos Reis. As autoras ao se basearem nas ideias de Abreu (2005), apontam que a forma como o turismo se desenvolveu na cidade de forma a facilitar os processos segregadores, uma vez que esses empreendimentos acabam por ser uma fonte de conflito com a população menos favorecida, como exprimido no trecho

Entretanto, essa apropriação do espaço contribuiu para a formação de uma paisagem elitista no local, em razão da intensa especulação imobiliária que valorizou os locais de maior acessibilidade e de grande beleza cênica, principalmente os litorâneos, resultando em processos de expropriação da população nativa, como os caiçaras, que se viram obrigados a abandonar suas terras, sua cultura e sua fonte de renda, muitas vezes, para habitar áreas de risco, como topos de morros e encostas, sujeitos a processos de deslizamento de terra e enchentes ou locais insalubres devido à poluição e a falta de saneamento básico, contribuindo, desse modo, para o processo de segregação socioespacial. (ABREU, 2005; GÓIS, 2009; CPDA-UFRRJ, 2015) (MARTINS; SEABRA; RICHTER, 2020, p. 30)

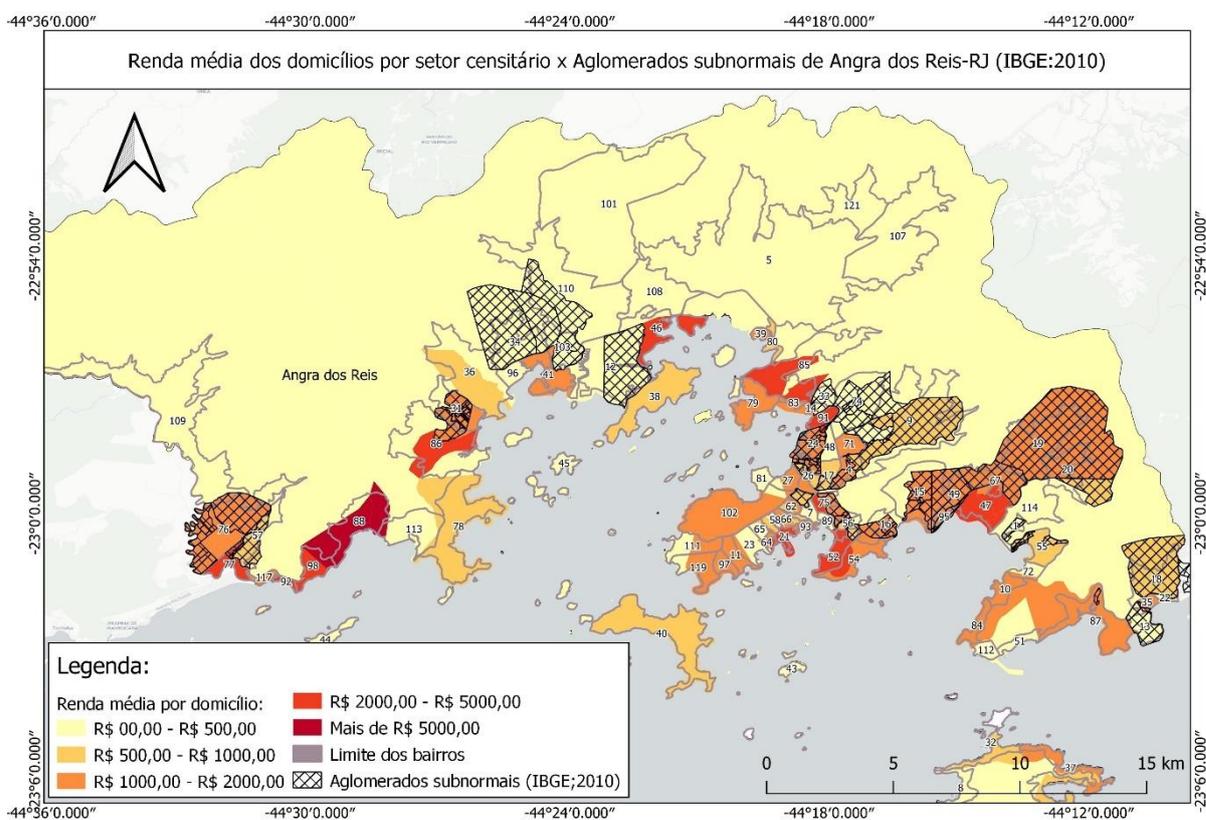


Mapa 3: Mapa de renda média por setor censitário x limites dos bairros de Angra dos Reis

Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: IBGE (2010)



Mapa 4: Mapa de aglomerados subnormais de Angra dos Reis- RJ  
Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: IBGE (2010)



Mapa 5: Mapa de renda média por setor censitário x aglomerados subnormais de Angra dos Reis-RJ  
Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: IBGE (2010)

Um outro ponto importante é que esse incentivo ocorreu por parte do Estado, que se alia ao setor imobiliário, um braço do capitalismo, potencializando as desigualdades espaciais presentes na cidade.

Abreu (2004) ao estudar o processo de urbanização do município, destaca que a forma que os empreendimentos turísticos/imobiliários se instalaram na cidade refletem as estruturas da economia global, uma vez que as cidades médias se desenvolveram em um modelo centro-periferia (Sposito e Góes, 2013), que foi mutando-se ao longo do tempo com o surgimento de novas centralidades que acompanharam a evolução do regime de acumulação flexível.

Em paralelo a essa população que ocupa encostas e outras aglomerações, há também a população de classe média e classes mais altas que habitam desde condomínios fechados de padrão médio a ilhas de luxo privativas<sup>3</sup> e é esse estrato mais privilegiado que tem o maior poder de transformação do espaço urbano quando escolhe viver num ambiente fechado e monitorado. Como apontado por Abreu (2004)

Angra dos Reis ainda possui uma grande concentração imobiliária de alto luxo. Esta característica, acrescida da proximidade geográfica, a coloca em conjunção com os maiores centros urbanos da América Latina quanto à sua potencial atratividade de investimentos. Assim, a competitividade, a requalificação dos espaços, o rearranjo de populações e equipamentos segundo as grandes flutuações de mercado são condicionantes impostos pelos novos processos urbanos também incidentes na contínua reprodução deste espaço regional (ABREU, 2004, p. 7)

Deste modo, a cidade de Angra dos reis estabelece-se como uma cidade de contrastes, como poderemos ver nos capítulos seguintes. Os grupos de renda média a alta se concentra principalmente nas áreas centrais da cidade, ocupando a maior parte das áreas planas da região, assim como nos bairros próximos às praias e bairros mais afastados do centro, havendo um grande número de espaços fechados.

Assim, com o objetivo de demonstrar graficamente como esses espaços, foram capturadas imagens da plataforma *online Google Maps* a respeito de "Condomínios em Angra dos Reis" no qual se encontrou o seguinte resultado:

---

<sup>3</sup> Uma rápida pesquisa em sites imobiliários angrenses, revelam aluguéis que chegam a R\$22.000,00 mensais (ANGRAMARIMÓVEIS; 2021) (ANGRAHOME;2021).

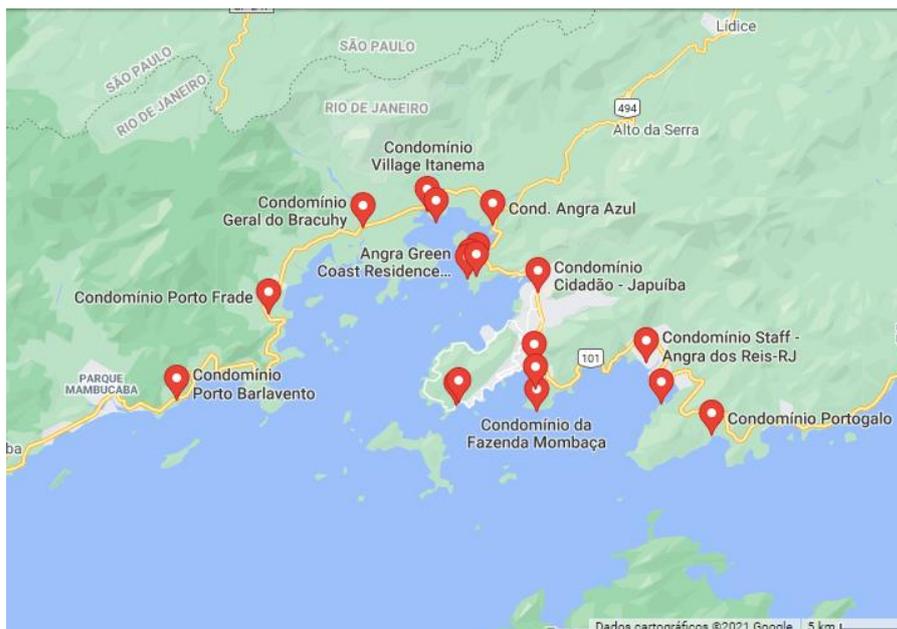


Figura 3: Principais condomínios e complexos habitacionais de Angra dos Reis- RJ

Extraído de: Google Maps (2021).

Evidentemente, é preciso uma pesquisa mais aprofundada para a coleta de dados quantitativos sobre todos os espaços residenciais fechados da cidade, bem como uma pesquisa qualitativa para entendermos questões como características dos imóveis (tamanho, segurança etc.), características das habitações (número de cômodos, espaços de lazer, secunda residência etc.) e características dos ocupantes desse imóvel (proprietários, empregados, inquilinos etc.)<sup>4</sup>. Sabemos previamente que, diante de alguns dados pesquisados na prefeitura da cidade, há mais de 100 espaços residenciais fechados (condomínios) em Angra dos Reis. Muitos desses espaços fechados privatizam indevidamente as áreas de praia, com a proibição de circulação das pessoas que não são proprietárias. Além disso, os condomínios mais famosos da cidade como Porto Galo, Porto Bracuí e Porto Frade apresentam lotes com residências de valor milionário, e, a maioria dos proprietários, são pessoas que não moram na cidade. Esses ambientes contam com caseiros, os principais informantes da nossa pesquisa.

Portanto, a cidade de Angra dos Reis se desenvolveu de forma a excluir os estratos mais pobres da população para as áreas afastadas ou áreas de risco, e, com o aumento da população urbana e conseqüentemente os novos problemas

<sup>4</sup> Está em andamento uma Pesquisa aprovada pela FAPERJ (Grupos Emergentes, edital 2020-2022), onde a orientadora dessa monografia tem levantado informações referentes a esses aspectos.

da cidade, a população mais rica passou a se organizar em espaços fechados, que variam de padrão conforme a renda desses/as proprietários/as. Além disso, o potencial turístico da região fomentou empreendimentos de luxo para o lazer: como os resorts, hotéis e casas utilizadas somente como segundas, terceira, quarta (...) residência.

#### **4. VIOLÊNCIA URBANA**

Como visto nos capítulos anteriores, os processos econômicos, o crescimento urbano e a complexidade do espaço Inter e intraurbano, colocaram o município angrense no patamar de cidade média, porém, esse crescimento populacional desordenado trouxe consequências que se refletem no espaço urbano tanto na dimensão física quanto na dimensão socioeconômica principalmente para aqueles indivíduos que são mais expostos ao espaço urbano por questão de vulnerabilidade social e afetados por processos de exclusão espacial.

Lourenço (2010) aponta que o sentimento de insegurança é tipicamente um produto do meio urbano e como segundo o próprio autor, uma das principais razões de insegurança no meio urbano é o medo da criminalidade. Assim, neste capítulo trataremos da violência e da insegurança urbana, que interferem na vida dos habitantes em diferentes escalas de cidades e em diferentes espaços intraurbanos.

Tomando apoio em Melara (2016), a violência pode ser definida de diversas formas e age em diferentes escalas na vida de quem a sofre, dessa forma, se apoiando em Moraes (1981), a autora, nos traz que a violência pode ser entendida como tudo aquilo capaz de causar danos à integridade física ou psicológica de um indivíduo, e uma vez que vivemos em uma sociedade capitalista, as posses desse indivíduo. Melara explicita que a violência é um fenômeno complexo que tende a ser o causador de outros tipos de violência, uma vez que essa é expressa de diversas formas, como podemos ver no trecho abaixo em que a autora esmiúça as classificações de violência apontadas por Chagas Rodrigues (2006) e Moser (2006) apud Melara (2016)

Chagas Rodrigues (2006) expõe que há uma pluralidade dos fenômenos que caem dentro do rótulo de “violência”. Podemos então falar de violências: violência urbana, rural, simbólica, cognitiva, física, instrumental, subjetiva, policial, intrafamiliar, doméstica, de gênero, esportiva, grupal, de massa, militar, bélica, entre muitas outras. Moser (2006) coloca que esta tipificação pode ser categorizada como: violência social, econômica, institucional ou política. A violência social refere-se à violência étnica, disputas territoriais, violência entre grupos, violência contra mulher, abuso

infantil. A violência econômica é manifestada por um ganho material associado a crimes de rua, roubos, assaltos incluindo mortes, tráfico de drogas entre outros. A violência institucional está vinculada a instituições do estado, bem como à polícia e ao sistema judiciário, escolas, hospitais, empresas de vigilância. E a violência política está relacionada ao poder político, incluindo guerrilhas, conflitos militares, assassinatos políticos, entre outros fatos (MELARA, 2016, p. 164-165)

Dessa forma, tendo em vista que alguns tipos de violência geram violência, partimos da perspectiva de que a criminalidade urbana se dá devido à ausência do Estado, na medida em que ressaltamos que não devemos simplesmente associar a violência à pobreza (SOUZA; 1999), uma vez que como citado acima, trata-se de um fenômeno complexo.

Devemos compreender a violência urbana como um produto de muitos tipos de violência que se complementam. Por exemplo, como apontado no trecho citado acima, podemos considerar que a violência política, na forma de corrupção permite com que haja violência social e estrutural que assim por diante, dá espaço à violência criminal, de forma a criar toda uma rotina de violência vivida pela população e reforçando a sensação de insegurança urbana por esses habitantes. Como aponta o fragmento

A violência urbana não é um fenômeno isolado: a urbanização caótica, a densificação ou privatização dos espaços públicos, a segregação social e racial leva a considerar as atividades informais e ilegais, violentas ou não, como indicadores de uma transformação mundial da civilização urbana. A informalização da urbanização é uma resposta das populações carentes à globalização e às políticas de segurança, na medida dos seus meios. (PEDRAZZINI 2006, p. 23, grifos do autor apud MELARA, 2016. p. 165)

De acordo com Melara (2016), é importante pensar sobre as diferenças entre os termos: violência e crime. O conceito de crime é algo sancionado pela lei (Código Penal), a autora ainda dá o exemplo de que um ato de violência só se transforma em crime se ocorrer denúncia por parte da vítima ou interpretação de um não cumprimento da lei por parte de um agente do Estado, dessa forma, pode-se afirmar vulgarmente que o termo criminalidade se trata de um agrupado de não cumprimento de leis.

Tomando como base a Pesquisa de Monteiro, podemos classificar os crimes mais recorrentes no espaço urbano em três segmentos: crimes sexuais, crimes violentos e crimes contra o patrimônio. Nessa pesquisa, o único crime sexual analisado foi o Estupro por conta de sua relação com a insegurança urbana. Foram trabalhados os crimes contra o patrimônio: roubos e furtos, uma vez que esses crimes também alteram a percepção da realidade urbana pela população, como apontado pelo autor no trecho a seguir:

A percepção da criminalidade como uma ameaça concreta à vida não se manifesta, apenas, pela violência letal. Os crimes contra o patrimônio aguçam a percepção de vulnerabilidade e a sensação de insegurança. Como bem salienta Machado da Silva (2004), nas sociedades modernas vivemos sob a expectativa da ordem, tendo como referência o monopólio do uso da força pelo Estado (MONTEIRO et.al, 2019, p.25).

Sob essa perspectiva da insegurança urbana, sem dúvida os crimes violentos são os que mais impactam na dinâmica urbana atualmente. Dessa forma foram analisados os crimes de lesão corporal dolosa e homicídio doloso, considerados crimes contra pessoa segundo o Código Penal.

Além dessas questões também é preciso ressaltar que, o uso da violência como fator coercitivo é uma das características do crime organizado, um dos principais atores da criminalidade violenta na cidade do Rio de Janeiro (SOUZA;1999), padrão que se replica na cidade de Angra dos Reis. Desse modo, optamos por analisar também os registros de apreensão de drogas devido à sua ligação com esses crimes.

Sem dúvida no contexto atual é muito difícil não falar sobre o tráfico de drogas e a sua apropriação do espaço urbano, criando o que Ferreira e Penna (2005) chamam de territórios de violência, os quais podemos associar aos lugares considerados perigosos na tese de Melara (2016) nos quais as regras não são as mesmas que nos outros espaços frequentados pela população, o trecho abaixo exprime como esses criminosos territorializam as áreas mais pobres

A autoridade pública, ao se omitir das obrigações elementares em decorrência do colapso do Estado no contexto internacional, "entrega as ruas e as favelas ao império da violência e da lei do mais forte" (Abranches, 1994:128). As comunidades faveladas e mais pobres são facilmente dominadas pelos grupos criminosos que nelas se instalam" porque elas são mais vulneráveis e não têm qualquer capacidade de resistência. Não conseguem segurança pública suficiente para torná-las infensas à ação do banditismo" (Abranches, 1994:128), que explora as carências sociais e materiais da comunidade a seu favor, fundamentalmente pela ação armada (FERREIRA, 2005, p.158).

Para Souza (1999) a existência desses pontos pobres e violentos nos quais atua o tráfico de drogas de varejo faz com que haja um enfoque sobre a situação pobreza-crime que ajuda a esconder que as atividades que realmente estão financiando essas operações criminosas ocorrem em grandes escalas, em espaços comuns à sociedade.

Uma vez que essa concepção só reforça o ideal da pobreza, concentrando o volume de ações para barrar esses tipos de crime nas áreas mais pobres, é importante que entremos um pouco mais na diferenciação do tráfico de varejo e o tráfico de

atacado como esses crimes operam em diferentes esferas sociais nos como apontado por Ferreira e Penna (2005).

O crime organizado atua em setores ricos e pobres da sociedade, participando de licitações públicas e investindo nos setores de transportes e construção civil, onde age para arrecadar fundos para patrocinar suas ações, especialmente a de compra da droga e as de armas e de sustentar seus exércitos, e, também para investir seus lucros escusos - lavagem de dinheiro. Isso envolve pessoas influentes e políticos. Do outro lado da cadeia organizada estão os pobres como mão-de-obra. Dentre os atores envolvidos nessa organização encontram-se: os clientes da droga (o mercado consumidor formado pelos estratos médios e altos da sociedade, e também por pobres que, para custear o vício aderem ao crime); os coniventes (políticos e pessoas corruptas) que intermediam o tráfico e dão apoio às ações); os mandantes ; a polícia corrupta ; os trabalhadores (mão-de-obra, geralmente formada pelos pobres das favelas e periferias urbanas que distribui a droga e faz a segurança dos pontos de venda) (FERREIRA;PENNA; 2005, p.163).

Nos baseando nas colocações de Souza(1999;2008), os grandes distribuidores de narcóticos, que lidam diretamente com as drogas em grande quantidade (atacado), são associados aos estratos mais altos da sociedade uma vez que esse tipo de operação requer uma quantidade de recursos que os conflitos envolvendo os traficantes de varejo, altamente associado às favelas e bocas de fumo (guerra ao tráfico, disputa territorial com o Estado e outras organizações criminosas e como consequência disso, a necessidade de fortalecimento bélico). O tráfico de atacado opera em escala nacional e internacional em espaços considerados neutros pela sociedade, já o tráfico de varejo, é aquele que ocorre principalmente em favelas e outros espaços tidos como inseguros (MELARA;2016) pela população, possuindo uma alta cobertura pela mídia e produzindo insegurança em todos os estratos sociais (SOUZA;1999), e como apontado acima, diretamente ligada à pobreza por grande parte da sociedade.

Dessa forma Ferreira e Penna (2005), apontam que devemos compreender a violência sob uma ótica geográfica, de modo a compreender como a criminalidade desenvolve sua territorialidade no espaço urbano, pois uma vez que tenhamos noção de que o espaço urbano influencia no processo de produção e reprodução da violência, também se torna possível pensar em maneiras efetivas de combatê-la utilizando esse próprio espaço.

Assim, tomando como referência Ferreira (2005), Sposito e Góes (2013), Melara (2016) e buscando compreender como se dá a dinâmica de violência criminal urbana de Angra dos Reis, realizamos um mapeamento dos diferentes tipos de crimes pelos bairros da cidade.

#### 4.1. Violência Criminal em Angra dos Reis

Como morador de Angra, não é incomum ouvir que a cidade se tornou mais perigosa devido às operações de pacificação das favelas da capital, Rio de Janeiro, fato esse que pode ser comprovado pela entrevista realizada pela orientadora dessa pesquisa (Anexo 1), no qual os próprios gestores da cidade acreditam que o aumento nos índices de violência criminal é derivado desses processos desencadeados a partir de 2010, tal fato também é apontado por Monteiro (2018).

Apesar do possível alinhamento da dinâmica criminal da cidade de Angra dos Reis com condicionantes causais como crescimento populacional não planejado, associado às oscilações e debilidades de setores específicos da atividade produtiva (como a indústria naval), observa-se o recrudescimento de um discurso, em particular: a associação do aumento da violência no município à migração de marginais (traficantes) das favelas ocupadas pelas UPPs, na capital. (MONTEIRO, 2018, p.121)

Monteiro et. al (2018) aponta que tal crença é inclusive reforçada pela mídia angrense, facilitando ainda mais a capilaridade da “suposta fonte” do crescimento da criminalidade, além disso, os autores chamam atenção para o fato de que o sentimento de insegurança urbana, trabalhado tanto por Sposito e Góes (2013), quanto por Melara (2016), analisado no trabalho de Monteiro: Diagnóstico de Segurança Pública e Social de Angra dos reis que o crescimento desse sentimento na população se dá devido aos fatores expressados no trecho abaixo

É plausível imaginar que a sensação de insegurança entre a população venha aumentando, gradativamente, desde então, o que parece ser impelido: (a) pela percepção do crescimento do volume total de ocorrências (o que não vem acompanhado de uma percepção do crescimento da população); (b) pelo papel da imprensa, sobretudo dos jornais locais, que investem pesado na “espetacularização da violência”; (c) pelo nível de violência empregado nas ações criminosas (ônibus incendiados na BR-101, aumento da letalidade por parte dos criminosos, etc.) (MONTEIRO et.al, 2018, p. 20).

Um outro ponto importante também é destacado por Rodrigues et.al (2017) ao tratar das supostas causas da violência, assim como apontado anteriormente os autores também verificaram que há uma versão imprecisa no imaginário popular da cidade de Angra, dessa forma, após os estudos feitos em: Conjuntura Costa Verde Ano 2 Relatório Executivo, os autores afirmam:

[...], Entretanto, esse fenômeno pode estar mais relacionado à dinâmica de alianças e rupturas entre facções criminosas na disputa por territórios estratégicos para refino e comercialização de drogas que à pressão provocada pela nova modalidade de policiamento da capital. (RODRIGUES et.al, 2017, p. 54)

Há também a questão da dispersão geográfica dos delitos. A partir da análise das matérias veiculadas pela imprensa angrense, observamos grande

focalização nos crimes violentos e nas ações envolvendo o tráfico de drogas, fato que direciona a atenção para os bairros onde percebe-se maior circulação de traficantes armados e envolvidos em disputas de facções criminosas (MONTEIRO et.al, 2018, p.49-50)

Portanto, tomando como base os autores citados acima, visando compreender como se dá a dinâmica de violência criminal na dimensão temporal, analisaremos as séries históricas presentes no site do ISP-RJ, uma vez que através dessas análises é possível compreender através dos dados, a criminalidade em Angra dos Reis<sup>5</sup>. Foram verificadas as séries históricas presentes no site do Instituto de Segurança Pública - RJ a partir do ano de 2018 (ano em que a análise da obra de Monteiro et.al termina)

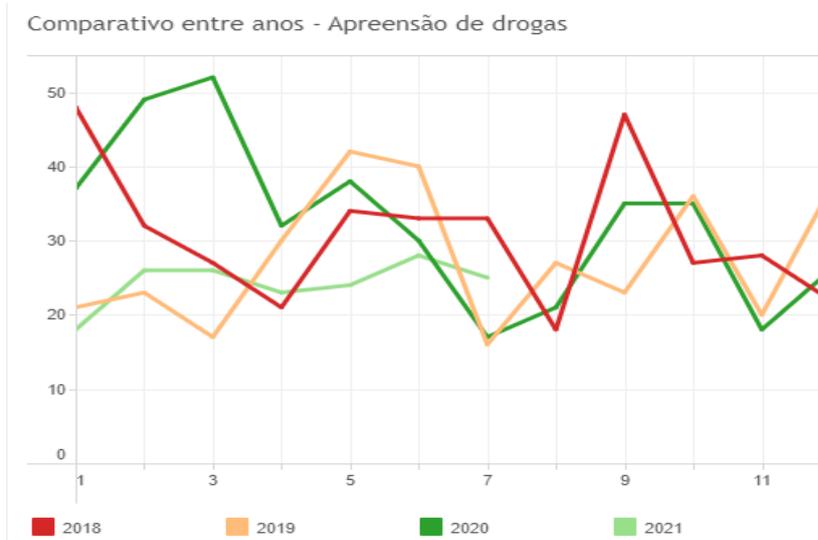
O gráfico (Gráfico 2) mostra a comparação das apreensões de drogas registradas dos anos 2018 ao mês de julho de 2021, as apreensões têm seu pico no ano de 2020, mostrando uma tendência de flutuação de apreensões por mês até o presente ano. Podemos associar esses números tanto às operações policiais quanto a apreensões não planejadas, sendo um dado que está fortemente relacionado com o tráfico de drogas. O ano de 2021 aparece com variações mais discretas nos meses analisados, mostrando número de apreensões mais baixo em relação aos anteriores.

O gráfico 3 representa a comparação das ocorrências de homicídio doloso registradas no período de 2018 até julho deste ano. O ano de 2018 aparece como o ano com o número de registros por mês tendo picos de incidência, fato esse que também se confirma nos anos seguintes com números absolutos mais baixos. Vale ressaltar que como apontado por Monteiro et.al (2018), esse crime está diretamente ligado com o crime organizado e tráfico de drogas de varejo, o que podemos associar a periodicidade dos registros. Como apontado no Anexo I, podemos associar a diminuição nas ocorrências às instalações de UPPS nos bairros com o tráfico mais atuante, porém como observado no caso da cidade do Rio de Janeiro, não é possível afirmar se essa é uma forma de enfrentamento eficiente a longo prazo.

---

<sup>5</sup> É importante apontar aqui, que assim como é apontado por Melara (2016) anteriormente, os casos de hiper notificação e subnotificação prejudicam a precisão dos dados, por isso, quando analisamos um fenômeno é importante se ter uma dimensão qualitativa do estudo.

Gráfico 2: Gráfico comparativo de apreensão de drogas (2018-2021)



Fonte: ISP-RJ

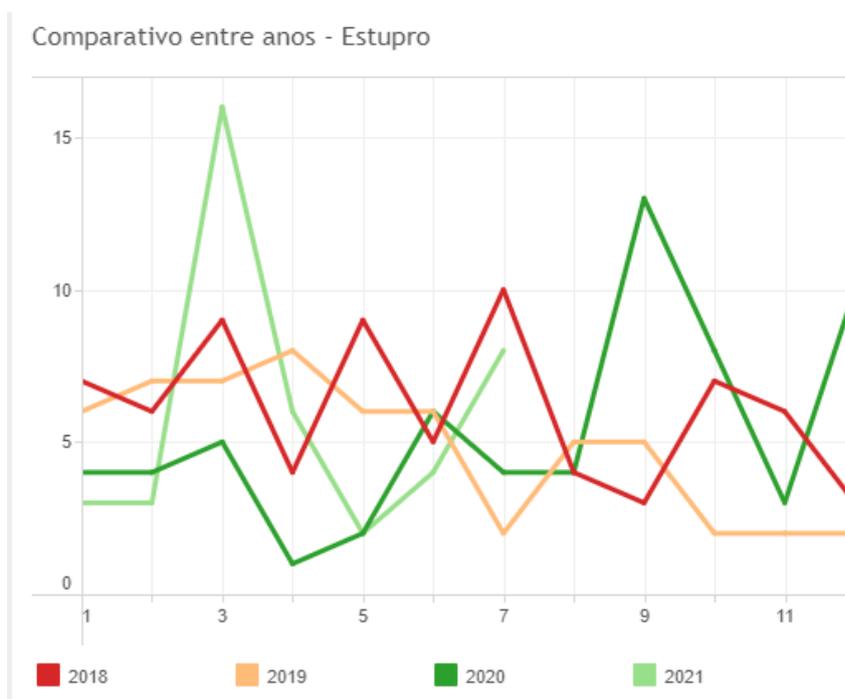
Gráfico 3: Gráfico comparativo de homicídios dolosos (2018-2021)



Fonte: ISP-RJ

O gráfico 4 que apresenta a comparação entre os casos de estupro registrados do ano 2018 até julho do presente ano, podemos observar que os casos de estupro por mês. Em março deste ano, 2021 foram os números mais altos dos anos analisados, embora não haja como apontar uma tendência devido à natureza do delito, a flutuação dos casos registrados, mostra que os administradores da cidade devem prestar atenção para políticas de prevenção desse crime.

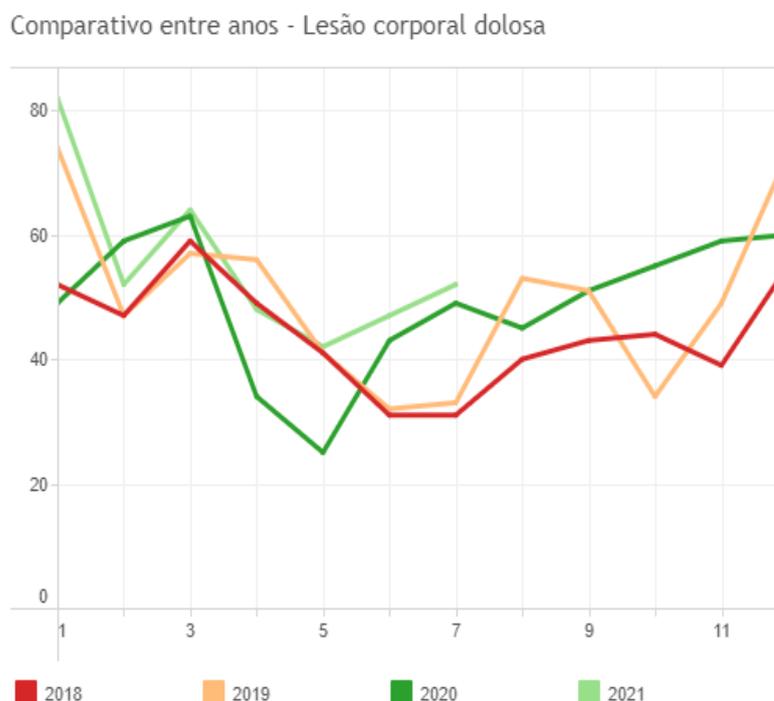
Gráfico 4: Gráfico comparativo de estupros (2018-2021)



Fonte: ISP-RJ

No gráfico 5, pode ser observado o comparativo entre os registros de lesão corporal nos anos a partir de 2018. Podemos observar que no período avaliado, as linhas do gráfico se comportam de maneira semelhante, apresentando um maior número de ocorrências tanto nos meses finais quanto no início do ano. O pico dos gráficos analisados ocorre no início do ano de 2021, ano atual, porém podemos observar que há uma deformação no gráfico que apresenta queda nos registros no primeiro semestre do ano, porém gradativamente as incidências aumentam, cabendo a análise futura para saber se a tendência se confirma. Uma outra hipótese, é que nesses meses há o maior consumo de substâncias intoxicantes (como álcool e outras drogas), festas e um maior fluxo de turistas, tornando os ambientes mais propícios a esse tipo de incidência.

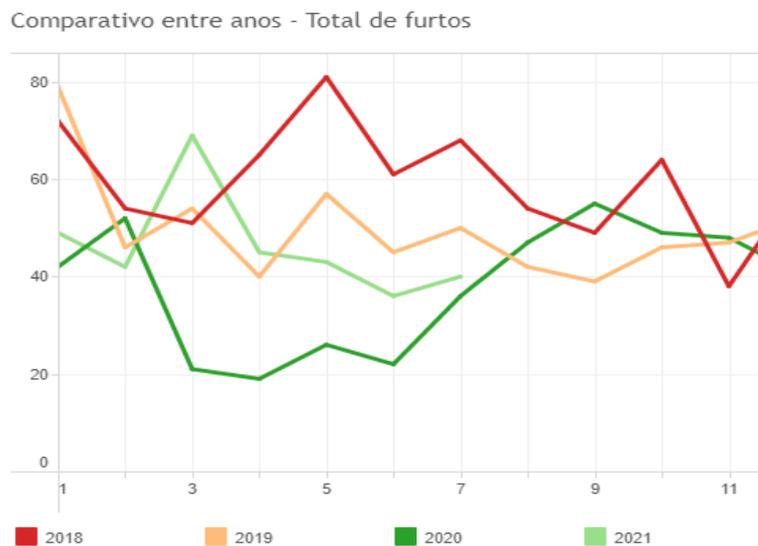
Gráfico 5: Gráfico comparativo de lesões corporais dolosas (2019-2021)



Fonte: ISP-RJ

No gráfico 6 é possível observar o comparativo entre os anos de 2018 ao meio do ano corrente, 2021, das ocorrências registradas do total de furtos registrados pelo ISP-RJ. Através da análise do gráfico é possível afirmar que o ano com mais ocorrências dentro do período analisado foi 2018, seguido pelo ano de 2019 com números menores. Também podemos observar que em relação ao ano anterior ao presente, 2021 mostra uma tendência ao aumento no registro da ocorrência que podemos notar ainda nos meses finais de 2020.

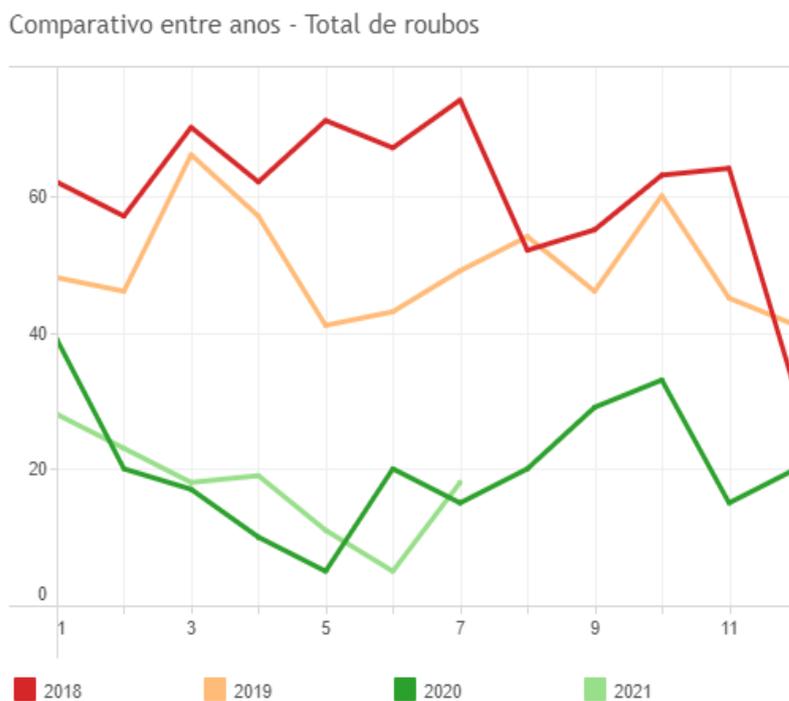
Gráfico 6: Gráfico comparativo do total de furtos (2018- 2021)



Fonte: ISP-RJ

O gráfico 07 mostra que sem dúvidas o ano de 2018 foi o ano de maior incidência de roubos, sendo seguido pelo ano de 2019 e 2020, com números bem abaixo dos anteriores, é possível notar que, embora os gráficos apresentem picos diferentes, há uma tendência de aumento de furtos nos meses finais do ano, bem como uma alteração na alta temporada, período que circulam mais pessoas pela cidade.

Gráfico 7: Gráfico comparativo do total de roubos (2018-2021)



Fonte: ISP-RJ

De acordo com Monteiro et.al (2018) e Rodrigues et.al (2017), a dinâmica de violência criminal teve um aumento nos números com o aumento populacional e a dinâmica de aumento da urbanização da cidade devido à esse aumento, no que diz respeito ao tráfico de drogas, pode-se apontar, que segundo tais autores embora haja um exagero na versão popular da causa da comunidade angrense, há sim uma migração de criminosos de outras cidades, porém, esses encontram apoio junto aos naturais de Angra, o que, torna possível acreditar que haja uma maior organização do crime por conta dessa associação

Voltando aos casos noticiados pela imprensa angrense, observamos que, no lugar de uma “invasão de criminosos evadidos de UPPs”, o que parece, de fato, ocorrer é uma combinação entre traficantes locais e outros vindos de fora, no intuito de atender necessidades estratégicas, definidas pelos comandos das facções criminosas. Tende-se a concluir que, os traficantes de fora não poderiam lograr êxito sem o apoio dos chamados “crias da comunidade”. É o que dá a entender uma leitura mais exaustiva das páginas policiais de a Maré e A Cidade. O registro correto a ser apontado não é que os “criminosos do Rio estariam invadindo Angra”, mas sim que, os jovens naturais de Angra estariam se envolvendo, mais frequentemente, com o mundo do crime. (MONTEIRO et.al, 2018, p. 131)

Como pode ser visto no Anexo I, a prefeitura de Angra dos Reis tem noção da evolução da criminalidade da cidade nos últimos anos. O gestor entrevistado chega a até citar os planos para o contingenciamento dessa onda de violência, como o aumento no policiamento e a instalação de unidades de polícia pacificadora nos bairros em que há mais confrontos violentos, porém, uma vez que a criminalidade não se combate só com repressão policial, mas sim com acesso à educação, cultura e lazer, é possível acreditar que a medida que terá mais influência nessa dinâmica à longo prazo, será a abertura de centros culturais, como previsto na entrevista.

Portanto, como visto neste capítulo, há uma distorção no imaginário social angrense potencializado pela mídia que faz com que se crie uma espécie de “bode expiatório” para a causa do aumento da criminalidade, como verificado por Abreu et. al (2019), Angra dos Reis já demonstrava uma tendência de crescimento da criminalidade desde a primeira década do século, de forma que essa tendência se manteve nos anos analisado até o ano de 2020, cabendo uma pesquisa específica para compreender como se deu essa diminuição dos números.

## **5. ANÁLISE ESPACIAL DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO URBANO DE ANGRA DOS REIS - RJ**

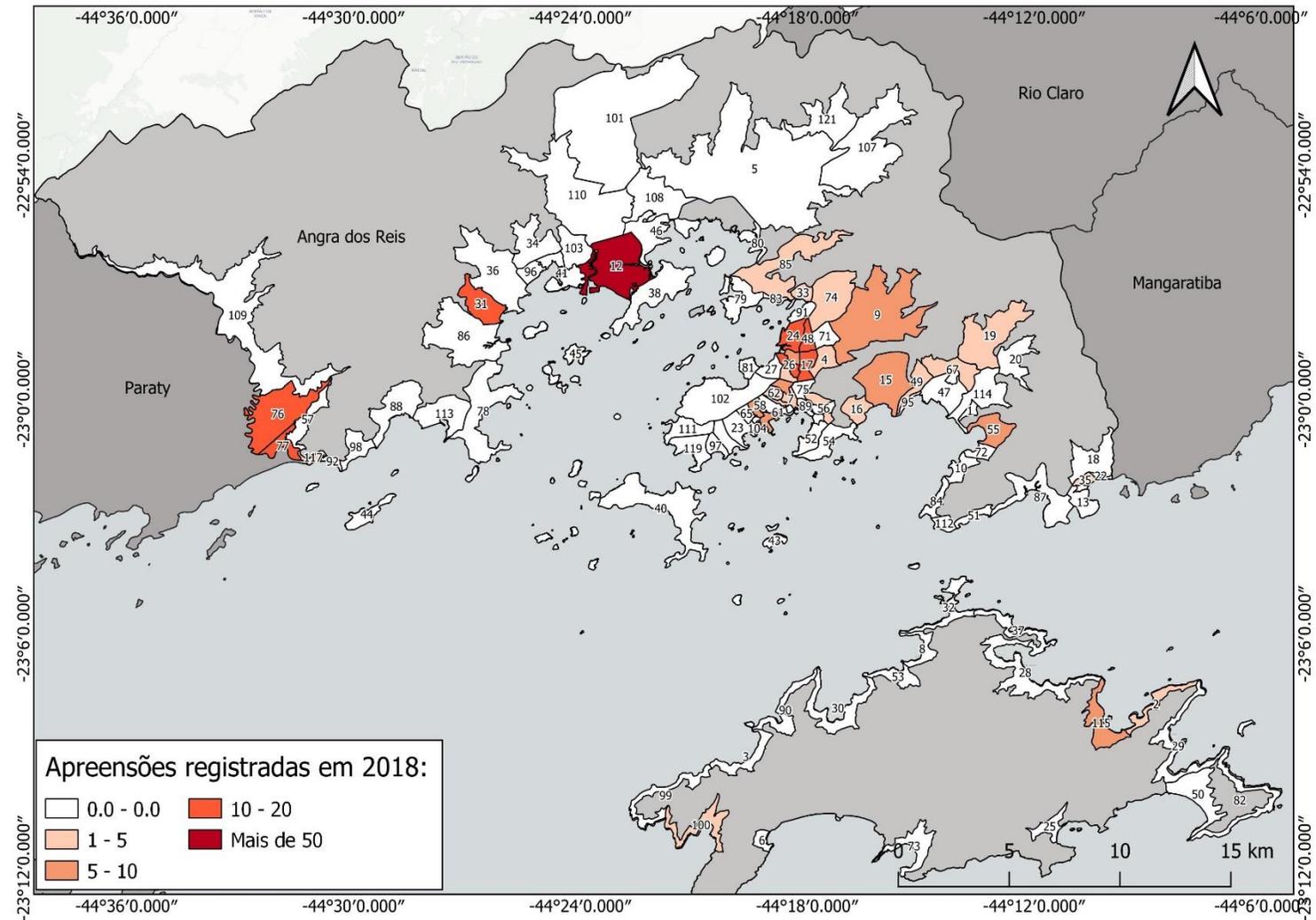
No mapa 06 foram espacializadas as ocorrências de apreensão de drogas, ou seja, no material acima, os bairros foram classificados de acordo com os boletins de ocorrência registrados pelo estado em 2018. Como se pode ver, os bairros em branco representam os bairros que não têm registro dessa ocorrência, já os tons gradativos de vermelho representam os bairros que possuem registro, de forma que os mais claros são os que possuíram poucas ocorrências em relação aos tons mais escuros.

Dessa forma, é possível observar que os bairros em que se teve mais apreensões de drogas foram respectivamente: Bracuí (12), Parque Mambucaba (76), Divinéia (24) e Japuíba (48), todos bairros localizados nos distritos não centrais do município.

No mapa 07 foram representados os homicídios dolosos registrados pelo ISP-RJ em 2018, de maneira em que os tons de vermelho mais forte representam os bairros que tiveram mais incidências registradas. Podemos observar que os homicídios dolosos registrados principalmente nos bairros não centrais que têm atividade do tráfico de drogas reconhecidas pelos moradores da cidade (MONTEIRO et.al;2018), dessa forma, se destacam os bairros: o Bracuí (12), verificamos 13 homicídios registrados, a Japuíba (48) apresentou 11 registros, o Parque Mambucaba (76), 10 registros, o Pontal (85), 8 registros), Monsuaba (55), também 8 registros e o Areal (4) com 6 registros, além disso todos esses bairros contam com a presença de aglomerados subnormais.

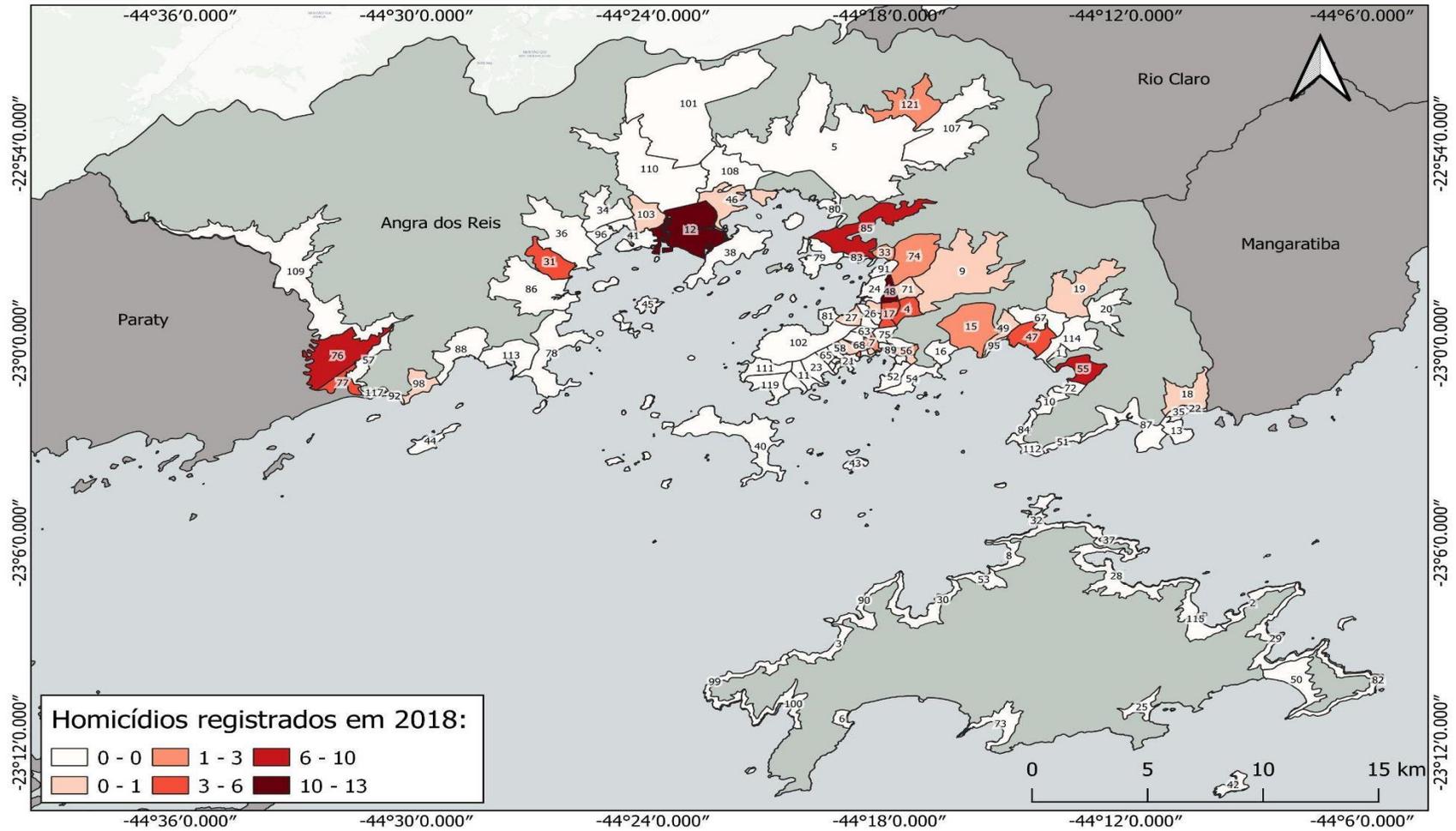
Além dos casos citados acima, acho válido destacar que os bairros que possuem uma certa centralidade também aparecem em cores mais fortes no mapa, representando altos índices desse tipo de crime, sendo eles, a Japuíba (48) (no distrito de Cunhambebe), Jacuacanga (47) (distrito de Jacuecanga) e o Parque Mambucaba (76) (distrito de Mambucaba), bem como o bairro do Frade (31) em menor escala de influência, situado no eixo Parque Mambucaba- Japuíba e o bairro Vila do Abraão (115), o maior bairro da Ilha Grande.

## Apreensão de drogas por bairro de Angra dos Reis- RJ (ISP-RJ, 2018)



Mapa 6: Mapa de Apreensão de drogas por bairro de Angra  
Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: ISP-RJ (2018)

### Homicídios por bairro em Angra dos Reis- RJ (ISP-RJ, 2018)



Mapa 7: Mapa de homicídios por bairro de Angra Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: ISP-RJ (2018)

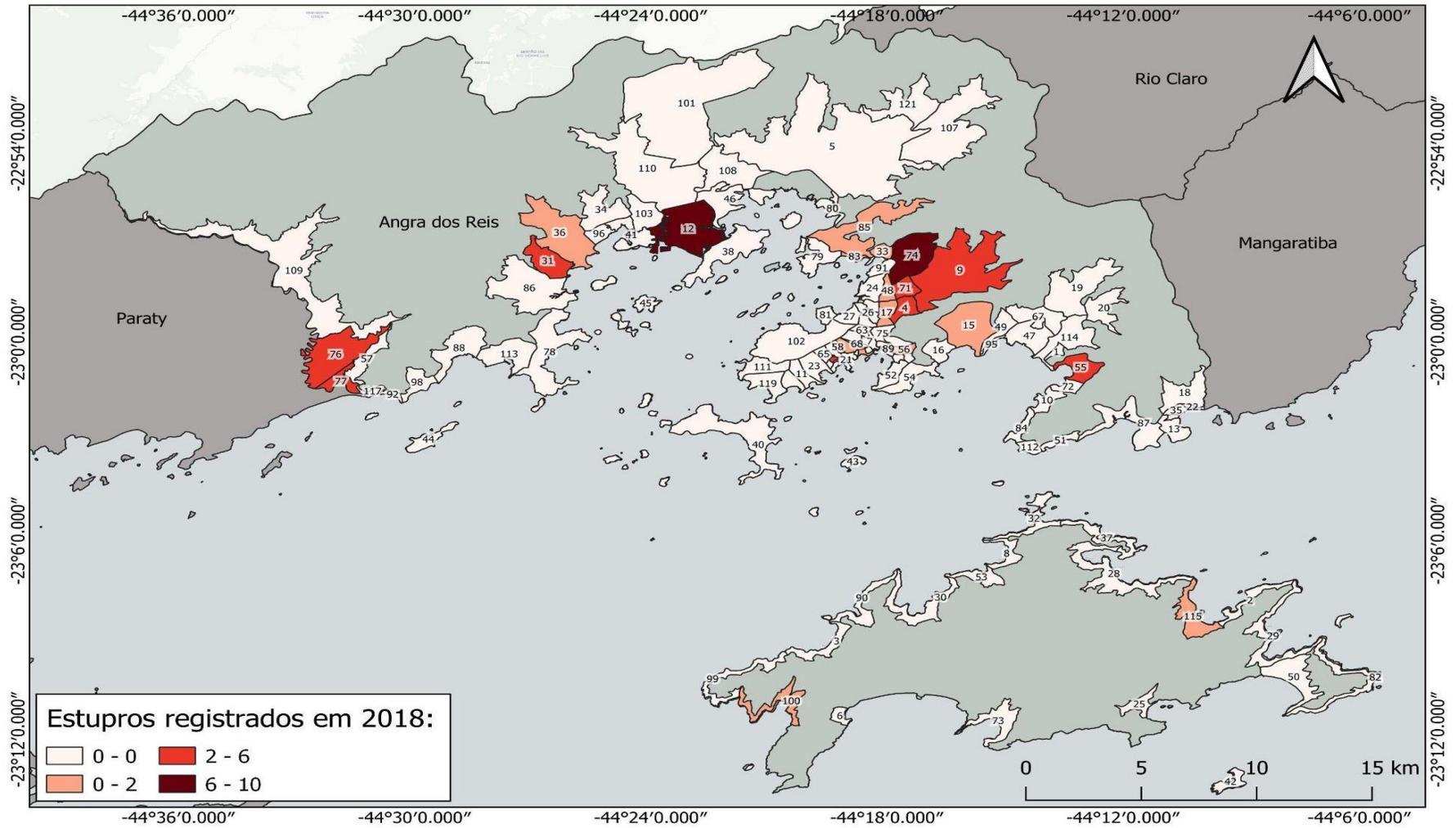
No mapa 08, o dado espacializado é o total de denúncias registradas de lesão corporal. Nota-se que essas ocorrências se mostram muito presentes nos bairros com a população maior (TABELA 2), sendo o bairro com mais lesões corporais registradas o Parque Mambucaba (76), seguido pela Japuíba (48), o Centro (21) e Jacuecanga (47) respectivamente. É importante ressaltar que segundo a análise de Rodrigues et.al (2017), essa ocorrência geralmente é ligada a números de agressão entre conhecidos e violência doméstica, nota-se também a questão das centralidades por distrito citadas anteriormente.

No mapa 09 apresentamos o número de ocorrências de estupros ocorridos no ano de 2018 com o esquema de gradação de cores como o mapa anterior. Assim como apontado por Monteiro (2017), é possível observar uma tendência à ocorrência nos bairros mais distantes do centro da cidade.

Deste modo, os bairros que se destacam nesse tipo de crime são: Parque Belém (74), Bracuí (12), Monsuaba (55), Areal (4) e Banqueta (9), além da relativa distância do centro e baixa densidade populacional (Monteiro et.al 2018), um outro fator em comum entre esses bairros é a presença do tráfico de drogas, embora não seja possível afirmar com certeza de que este seja um fator que influencie na ocorrência em questão.



### Estupros por bairro em Angra dos Reis- RJ (ISP-RJ, 2018)



Mapa 9: Mapa de estupros por bairro de Angra

Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: ISP-RJ (2018)

No mapa 10 foram espacializados os dados referentes ao total de furtos ocorridos no município em 2018. Neste total estão compilados os números dos seguintes tipos de furtos: furto a banco, furto a estabelecimento, furto (outros), furto à residência, furto a transeunte, furto à turista, furto de arma de fogo, furto de bagagem, furto de bicicleta, furto de carga, furto de caixa eletrônico, furto de energia elétrica (gatos), furto de placa de veículo, furto de telefone celular, furto de veículos, furto em transporte coletivo, furto dentro de estabelecimento de ensino e furtos no interior de veículos.

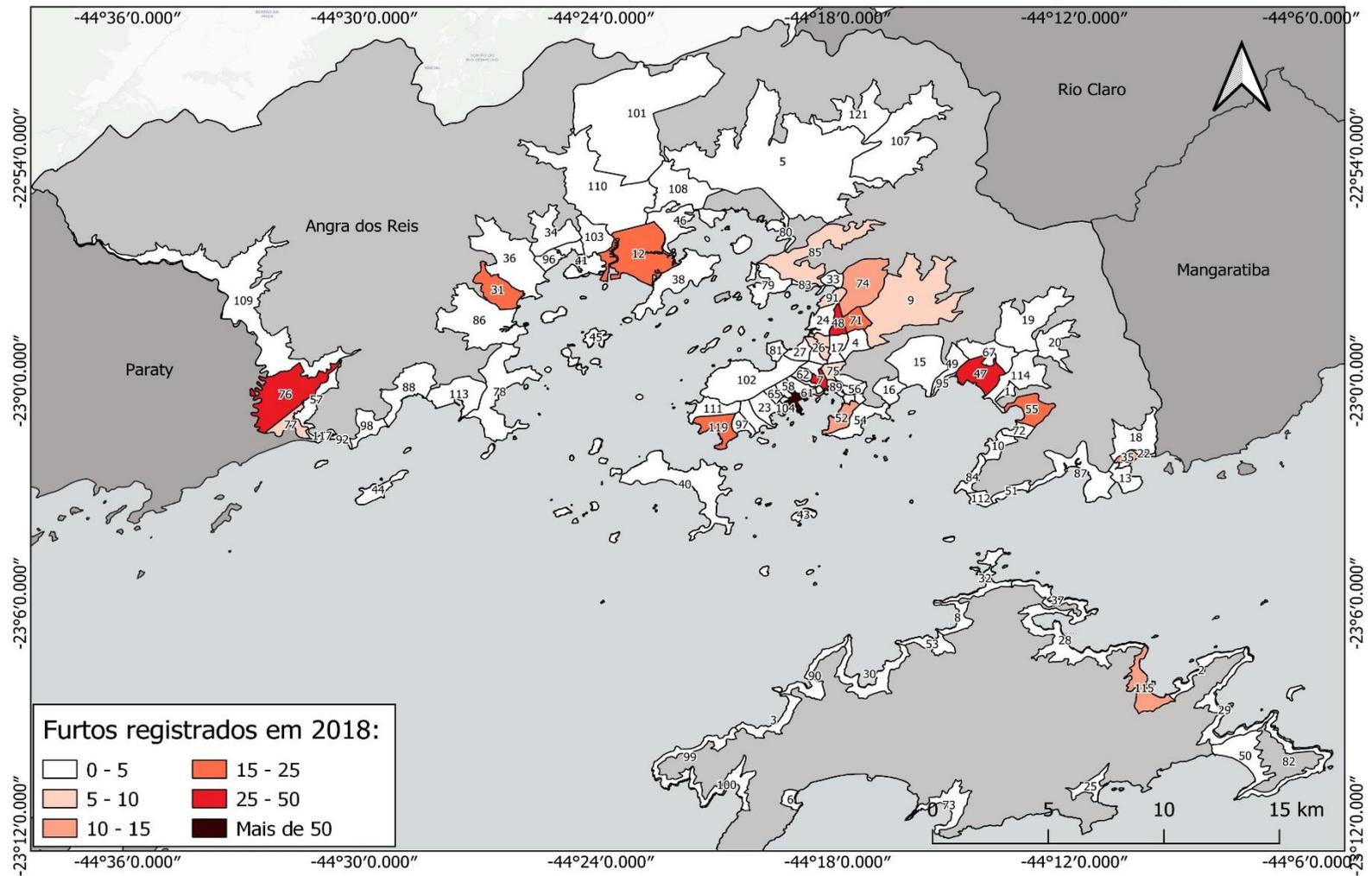
Tal como apontado na pesquisa de Monteiro, os furtos se concentram principalmente nos bairros mais populosos e como afirmado por Melara (2016), furtos e roubos são crimes que ocorrem onde há maior circulação de pessoas, nos espaços da cidade onde se concentram atividades de comércio, serviços e lazer.

O Centro (21) da cidade se destaca no registro dessa ocorrência, também se nota um número expressivo de furtos nos bairros ao redor do centro e de grande atividade turística, como o bairro Vila do Abraão (115), no distrito da Ilha Grande. As centralidades Japuíba (48), Jacuacanga (47), Parque Mambucaba (76) e regiões adjacentes também registram uma quantidade de furtos significativa

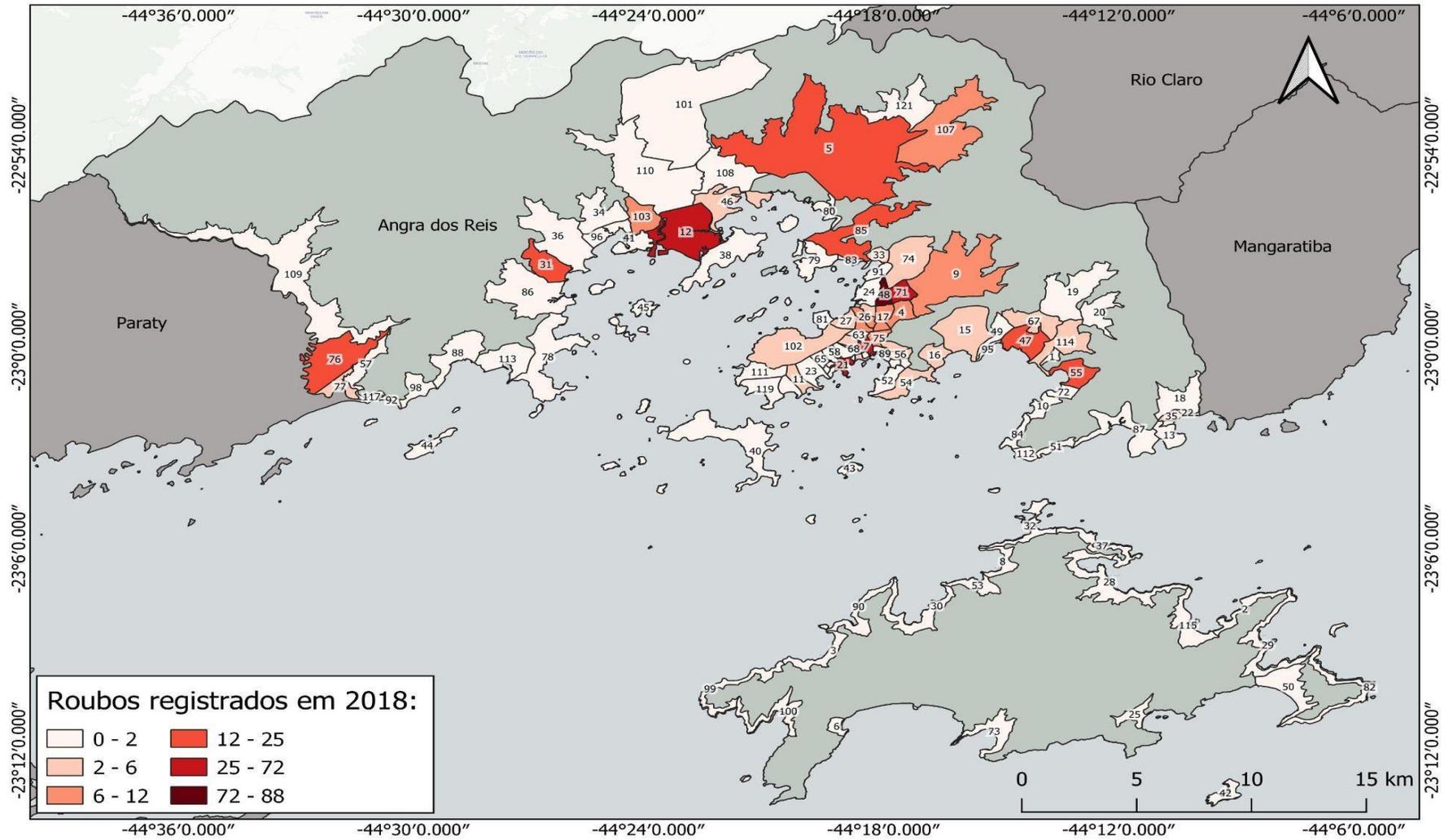
No mapa 11 podemos observar a espacialização dos dados do total de roubos registrados em 2018 pelo ISP-RJ, utilizando o mesmo esquema de gradiente de cores por quantidade de ocorrências registradas utilizada nos mapas anteriores. O total de roubos é composto por: roubo a transeunte, roubo de carga, roubo de veículo, roubo de celular, roubo dentro de estabelecimento comercial, roubo em interior de veículo e roubo em transporte público.

Monteiro (2019) aponta que assim como há uma lógica na espacialização das ocorrências violentas, também há uma lógica nos crimes contra o patrimônio: “[...] Facilidade de acesso a vias expressas e hábitos locais pesem na distribuição geográfica das ocorrências de roubo e furto. (p.41)”. Dessa forma podemos notar que no mapa a ocorrência tende a acontecer mais recorrentemente nos bairros mais urbanizados, como a Japuíba (48), o Centro (21), Balneário (7) e Nova Angra (71). Outro ponto é a questão da relação com o narcotráfico, como o Bracuí (12).

## Furtos por bairro de Angra dos Reis- RJ (ISP-RJ, 2018)



### Roubos por bairro em Angra dos Reis- RJ (ISP-RJ, 2018)



Mapa 11: Mapa de roubos por bairro de Angra  
Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: ISP-RJ (2018)

Além dos mapas sobre os crimes específicos, também foi construída uma tabela geral dos crimes analisados visando gerar um mapa sobre violência criminal em Angra dos Reis. Dessa forma, foram somados todos os crimes analisados a fim de obter uma visão geral da criminalidade violenta no município. É importante citar, que na tabulação desses dados, foram desconsiderados os registros nos quais não constavam o bairro de acontecimento do fato ou não possuíam bairro cadastrado. Os dados foram tabulados na Tabela 3 e mapeados (Mapa 12).

Tabela 3- Ocorrências registradas por bairro

Rótulo	Nome	Apreensão de Drogas	Homicídios	Furtos	Lesão Corporal	Estupro s	Roubos	Total
1	Abraãozinho	0	0	0	0	0	0	0
2	Água Santa	2	0	2	0	0	1	5
3	Araçatiba	0	0	0	0	0	0	0
4	Areal	5	6	4	5	5	12	37
5	Ariró	0	0	5	0	0	16	21
6	Aventureiro	0	0	0	0	0	0	0
7	Balneário	2	2	27	17	0	37	85
8	Bananal	0	0	0	0	0	0	0
9	Banqueta	9	1	6	15	4	7	42
10	Biscaia	0	0	1	1	0	1	3
11	Bonfim	0	0	2	1	0	4	7
12	Bracuí	57	13	16	22	9	41	158
13	Caetés	0	0	3	0	0	0	3
14	Caieira	0	0	1	4	0	1	6
15	Camorim	7	2	4	1	1	6	21
16	Camorim Pequeno	4	0	3	0	0	5	12
17	Campo Belo	12	5	3	16	1	9	46
18	Cantagalo	1	1	2	1	0	1	6
19	Caputera I	2	1	0	0	0	1	4
20	Caputera II	0	0	0	0	0	0	0
21	Centro	9	0	192	38	0	72	311
22	Cidade da Bíblia	0	0	0	0	0	0	0
23	Colégio Naval	0	0	0	0	0	0	0
24	Divinéia	18	0	0	4	0	1	23
25	Dois Rios	0	0	0	0	0	0	0
26	Encruzo da Enseada	15	0	8	8	0	8	39

27	Enseada	0	1	2	2	0	4	9
28	Enseada das Estrelas	0	0	0	0	0	0	0
29	Enseada das Palmas	0	0	0	0	0	0	0
30	Enseada do Sítio Forte	0	0	0	0	0	0	0
31	Frade	16	4	25	9	3	18	75
32	Freguesia de Santana	0	0	0	0	0	0	0
33	Gamboa do Belém	4	2	1	3	1	6	17
34	Gamboa do Bracuí	0	0	0	0	0	1	1
35	Garatucaia	2	0	14	8	0	5	29
36	Grataú	0	0	1	0	1	0	2
37	Guaxuma	0	0	0	0	0	0	0
38	Ilha Comprida	0	0	0	0	0	0	0
39	Ilha da Barra	0	0	0	0	0	0	0
40	Ilha da Gipóia	0	0	0	0	0	0	0
41	Ilha do Jorge	0	0	0	0	0	0	0
42	Ilhas da Baía da Ilha Grande	0	0	2	1	0	0	3
43	Ilhas da Baía da Ilha Grande	0	0	2	1	0	0	3
44	Ilhas da Baía da Ilha Grande	0	0	2	1	0	0	3
45	Ilhas da Baía da Ilha Grande	0	0	2	1	0	0	3
46	Itanema	1	1	1	0	0	3	6
47	Jacuacanga	1	6	26	28	0	25	86
48	Japuiba	16	11	42	49	2	88	208
49	Lambicada	2	1	1	2	0	1	7
50	Lopes Mendes	0	0	0	0	0	0	0
51	Maciéis	0	0	0	0	0	0	0
52	Marinas	1	0	11	11	0	0	23
53	Matariz	0	0	0	0	0	0	0
54	Mombaça	1	0	2	2	0	4	9
55	Monsuaba	9	8	18	10	6	25	76
56	Monte Castelo	0	3	1	1	1	6	12

57	Morro da Boa Vista	0	0	0	0	0	1	1
58	Morro da Caixa D'Água	4	0	0	1	0	2	7
59	Morro da Carioca	0	0	1	3	4	0	8
60	Morro da Cruz	2	0	5	4	0	10	21
61	Morro da Fortaleza	4	3	1	0	0	1	9
62	Morro da Glória	4	0	1	1	0	5	11
63	Morro da Glória II	8	0	0	2	0	2	12
64	Morro do Abel	0	0	0	5	0	2	7
65	Morro do Bulé	0	0	0	0	0	0	0
66	Morro do Carmo	1	1	0	0	2	0	4
67	Morro do Moreno	3	0	0	2	0	5	10
68	Morro do Peres	5	0	0	3	0	3	11
69	Morro do Santo Antônio	6	0	0	3	0	1	10
70	Morro do Tatu	0	1	0	1	0	0	2
71	Nova Angra	0	1	18	16	3	42	80
72	Paraíso	0	0	0	0	0	0	0
73	Parnaioca	0	0	0	0	0	0	0
74	Parque Belém	5	2	12	4	10	6	39
75	Parque das Palmeiras	0	0	7	6	0	11	24
76	Parque Mambucaba	20	10	50	55	4	17	156
77	Parque Perequê	11	6	6	18	4	3	48
78	Piraquara	0	0	1	1	0	1	3
79	Ponta da Cruz	0	0	0	0	0	0	0
80	Ponta do Partido	0	0	2	0	0	1	3
81	Ponta do Sapê	0	0	0	0	0	0	0
82	Ponta dos Castelhanos	0	0	0	0	0	0	0
83	Ponta dos Ubás	0	0	0	0	1	0	1
84	Ponta Leste	0	0	0	2	0	1	3

85	Pontal	3	9	10	3	1	20	46
86	Porto Frade	0	0	0	2	0	0	2
87	Portogalo	1	0	2	1	0	1	5
88	Praia Brava	1	0	2	2	0	1	6
89	Praia da Chácara	0	0	1	0	0	0	1
90	Praia da Longa	0	0	0	0	0	0	0
91	Praia da Ribeira	1	0	7	4	0	1	13
92	Praia das Goiabas	0	0	0	0	0	0	0
93	Praia do Anil	0	0	6	7	1	5	19
94	Praia do Jardim	0	0	1	2	0	1	4
95	Praia do Machado	0	0	3	2	0	0	5
96	Praia do Recife	0	0	0	0	0	0	0
97	Praia Grande	0	0	3	0	0	1	4
98	Praia Vermelha	0	1	0	1	0	1	3
99	Praia Vermelha da I. Grande	0	0	0	0	0	0	0
100	Provetá	2	0	1	0	1	1	5
101	Reserva Indígena	0	0	0	0	0	0	0
102	Retiro	1	0	4	1	0	4	10
103	Santa Rita do Bracuí	1	1	3	3	0	8	16
104	São Bento	0	0	0	0	0	0	0
105	Sapinhatuba I	2	0	0	4	0	6	12
106	Sapinhatuba III	2	1	0	1	0	2	6
107	Serra D'água	0	0	5	8	0	11	24
108	Sertão de Itanema	0	0	0	0	0	0	0
109	Sertão de Mambucaba	0	0	0	0	0	0	0
110	Sertão do Bracuí	0	0	0	0	0	1	1
111	Tanguá	0	0	2	0	0	1	3
112	Terminal da Petrobrás	0	0	0	0	0	0	0
113	Usina Nuclear	0	0	0	0	0	0	0
114	Vila da Petrobrás	0	0	2	3	0	3	8

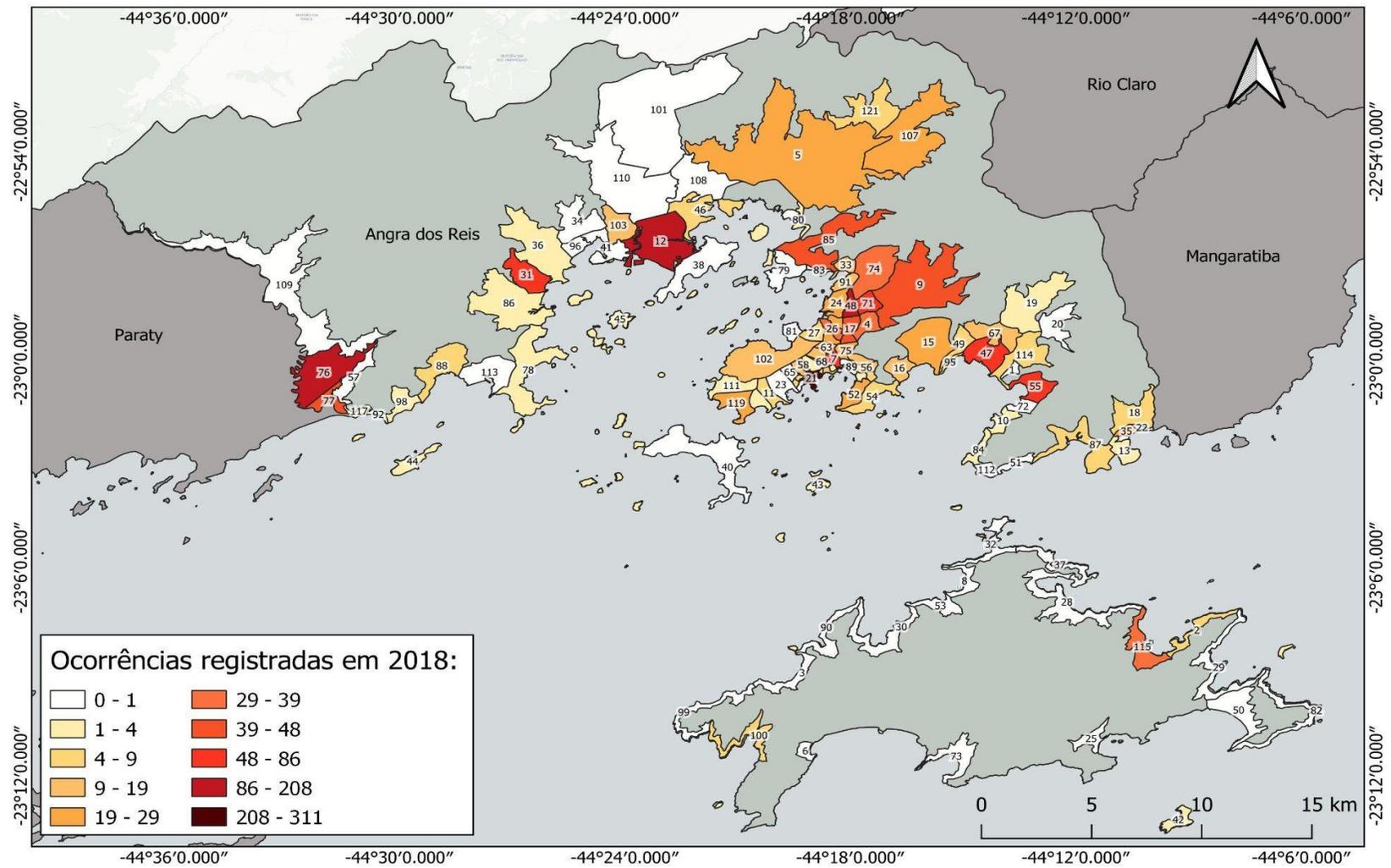
115	Vila do Abraão	7	0	11	13	1	1	33
116	Vila dos Pescadores	0	0	0	0	0	0	0
117	Vila Histórica de Mambucaba	2	0	0	0	0	0	2
118	Vila Nova	7	1	6	8	0	3	25
119	Vila Velha	0	0	18	6	0	2	26
120	Village Jacuacanga	0	0	3	4	0	3	10
121	Zungu	0	2	3	0	0	0	5
	<b>Total</b>	<b>299</b>	<b>107</b>	<b>629</b>	<b>464</b>	<b>66</b>	<b>600</b>	<b>2165</b>

Fonte: Adaptado de ISP-RJ, 2018.

Como podemos ver no mapa (Mapa 12 e 13), a maior parte dos bairros da cidade registrou pelo menos um delito, de forma que as maiores incidências de violência criminal se concentrem nos bairros com maior quantitativo populacional de acordo com o censo 2010, bem como aqueles bairros em que há maior circulação de pessoas. É importante notar que os crimes contra o patrimônio são bastante numerosos se compararmos com os outros crimes contabilizados, isso obviamente influenciou nessa espacialização geral. Destacaram-se os bairros Parque Mambucaba (76), Centro (21) e Japuíba (48) na classificação do número de crimes de cor vermelha mais escura, mas também se destacam os bairros em que há forte presença do tráfico de drogas, como o Bracuí (12), que vem passando por um processo de gentrificação devido aos empreendimentos (MARTINS; SEABRA; RICHTER, 2020).

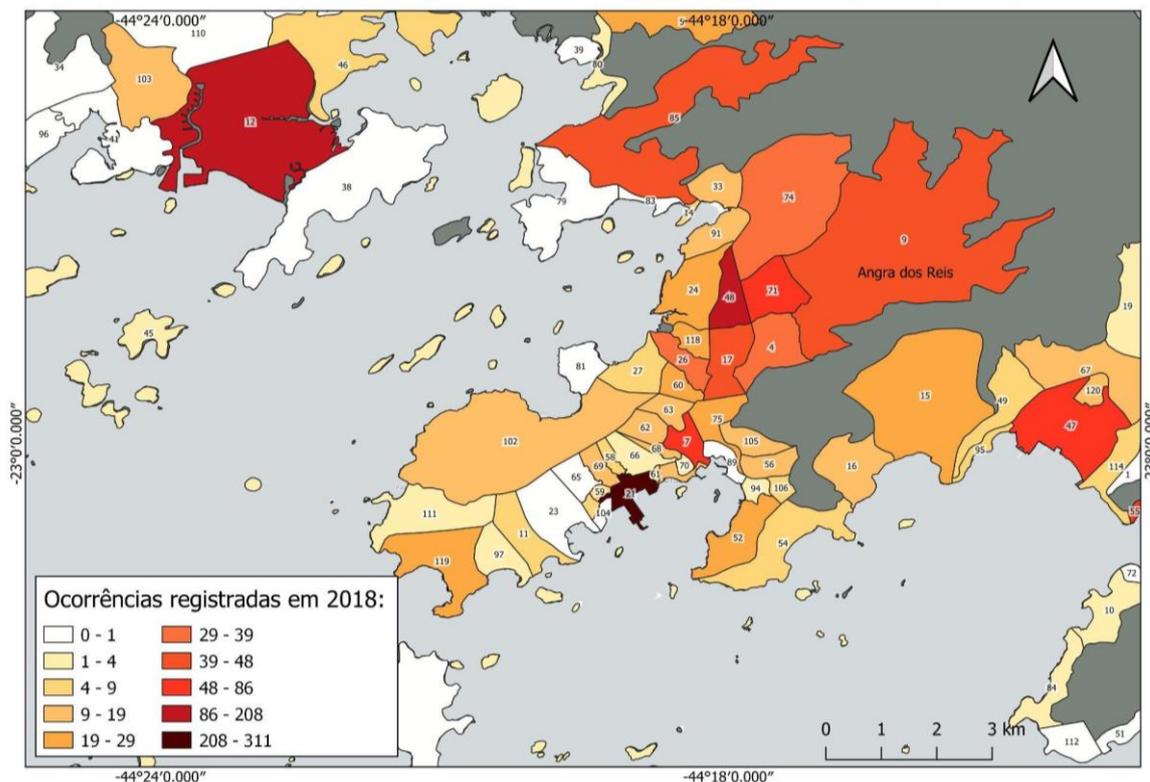
Na questão da presença do tráfico de drogas, também se destacam o Frade (31), que devido ao grande número de conflitos ocorridos entre 2018 e 2020 atualmente possui Unidade de Polícia Pacificadora (G1;2020), bem como a Monsuaba (55) e a Divinéia (24). Na pesquisa realizada por Monteiro et al (2018), foi notada uma tendência de maior criminalidade nos bairros próximos à Japuíba, com destaque para os bairros no distrito de Cunhambebe.

## Violência criminal em Angra dos Reis- RJ (ISP-RJ, 2018)



Mapa 12: Mapa de violências criminais em Angra dos Reis- RJ  
Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: ISP-RJ (2018)

Violência criminal na região central de Angra dos Reis- RJ (ISP-RJ, 2018)



Mapa 13: Mapa de violência criminal nos bairros centrais de Angra dos Reis- RJ  
Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: ISP-RJ (2018)

Ao analisarmos os mapas (mapa geral [12] e o mapa com foco na região central [13]), é possível perceber que as áreas que possuem maior concentração de habitações não regulares (e em paralelo a isso, menor apoio do Estado) também são as áreas em que se pode observar maior incidência de crimes. Melara (2016) chama atenção para o fato de que não devemos associar a pobreza à violência e sim a desigualdade socioespacial, por isso devemos tomar cuidado ao generalizar esses espaços irregulares, necessitando de uma outra forma de avaliação dessas ocorrências de forma mais aprofundada contando com trabalhos de campo, entrevista e conversas informais com moradores e outros atores importantes para esse tipo de pesquisa.

Também vale lembrar que o mapa foi elaborado de acordo com o número de denúncias, a regra pode não se confirmar completamente em caso de haver crime e não ocorrer denúncia, necessitando de uma pesquisa mais aprofundada sobre as causas da violência criminal na cidade.

Visando analisar a relação entre a existência de aglomerados subnormais/favelas da cidade com dados criminais, foram cruzados os dados sobre a localização desses aglomerados e a violência, tendo como resultado o mapa a seguir.

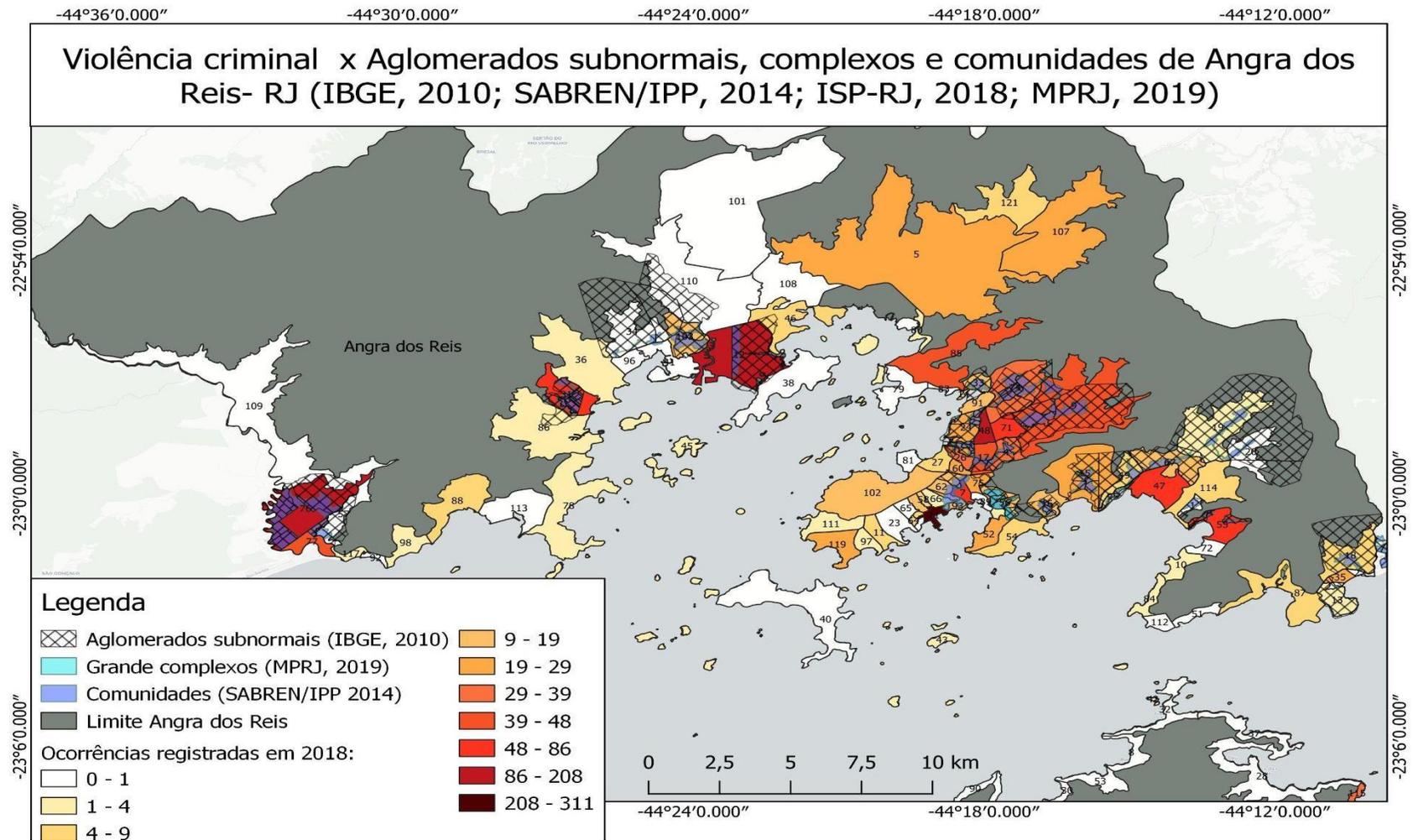
No mapa (Mapa 14), as linhas tracejadas representam os aglomerados subnormais reconhecidos pelo IBGE, as cores em gradiente representam a classificação do total de ocorrências no ano de 2018, também estão presentes no mapa em azul claro o complexo da Sapinhatuba (56, 105 e 106), comunidade<sup>6</sup> reconhecida pelos confrontos entre traficantes e agentes da polícia. Temos também as comunidades/morros em roxo<sup>7</sup> que acabam por coincidir com áreas com elevados índices de criminalidade.

Entretanto, como podemos observar, nem todos os aglomerados possuem um número expressivo de ocorrências, havendo casos em que bairros considerados ricos, possuem mais incidência de violência do que os que possuem classificação de aglomerado subnormais o que vai de encontro com a “versão oficial” midiática da violência. Além disso, nem todos as áreas consideradas como morros e favelas apresentam dados relevantes de determinados tipos de crimes. Um outro ponto é que uma vez que a violência se estende por todo município, não sendo confinada à locais pobres, é possível que observar que o problema da violência não é a pobreza em si, mas sim a desigualdade social e espacial.

---

<sup>6</sup> O termo comunidade foi unicamente usado para manter a informação tirada do portal MPRJ- Mapas, não tendo qualquer relação com a romantização de favelas por parte do autor.

<sup>7</sup> Os pontos roxos representam as comunidades reconhecidas pelo site do Ministério Público do Rio de Janeiro - Mapas (MPRJ), sendo elas: Morros do Tatu (70), Morro da Fortaleza (61), Morro da Glória (62), Morro do Peres (68), Morro da Boa Vista (57), Comunidade do Campo da Gringa (Parque Mambucaba - 76), Sertãozinho do Frade (Frade - 31), Morro da Constância (Frade - 31), Morro do Frade (Frade - 31), Morro da Pedreira (Frade - 31), Comunidade da Gamboa do Bracuí (34), Comunidade Santa Rita do Bracuí (103), Itinga (Bracuí - 12), Gamboa do Belém (33), Parque Belém (74), Comunidade da Banqueta (10), Morro da Velha (Praia da Ribeira - 91), comunidade do Campo Belo (17), Comunidade Divinéia (24), Ponta da Aroeira (Divinéia - 24), Comunidade no Camorim Pequeno (16), Comunidade Camorim de cima (Camorim - 15), Lambicada (49), Morro do Moreno (67), Comunidade da Caputera (19), Comunidade da Água Santa (2), Morro do Martelo (Monsuaba - 55), Morro do Triângulo (Monsuaba - 55), Canto do Portugal (Portogalo - 87), comunidade do Cantagalo (18) e as margens dos Rios Perequê (77) e Mambucaba (76).



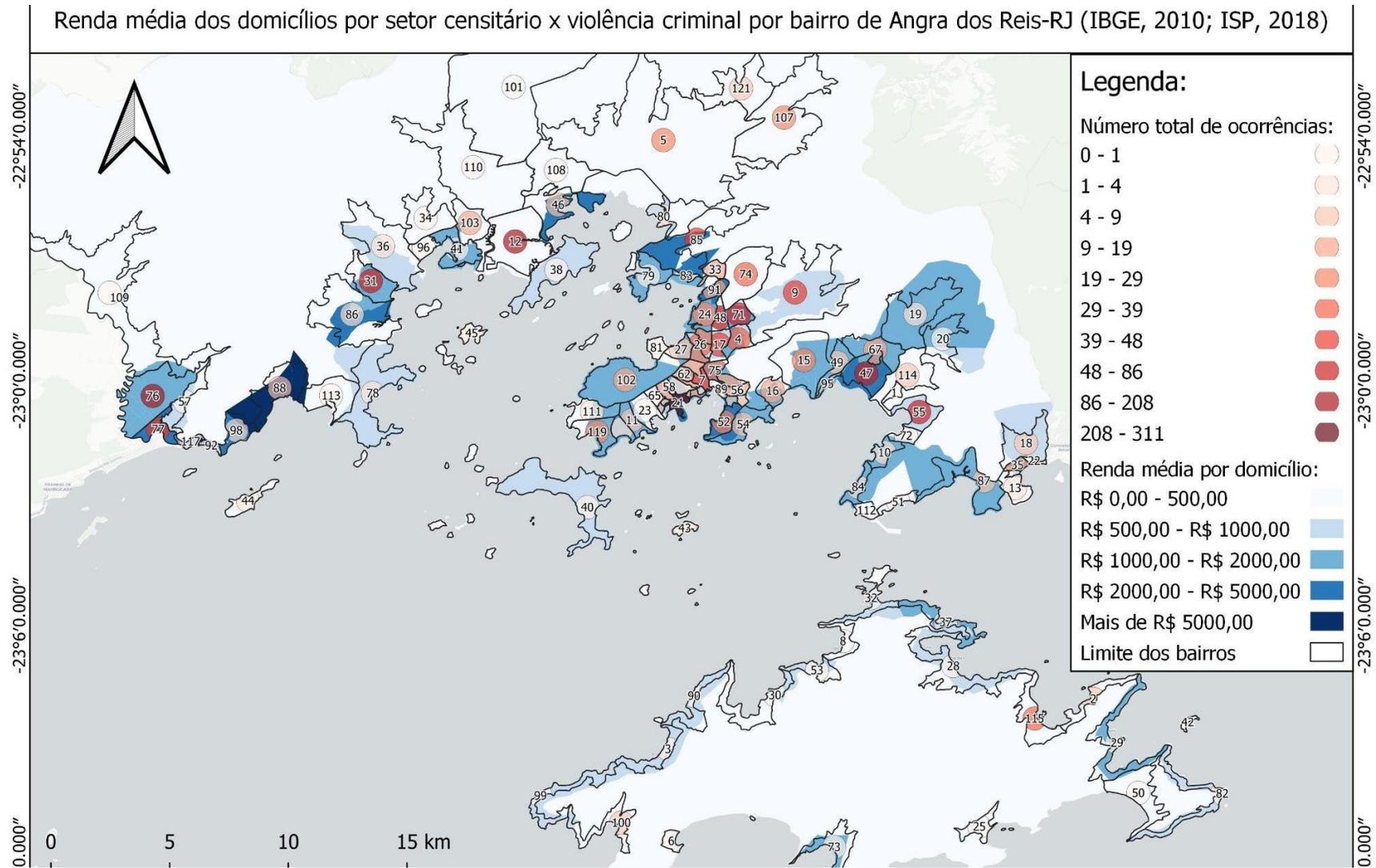
Mapa 14: Mapa de violência criminal x Aglomerados subnormais, comunidades e complexos.  
Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: IBGE (2010); SABREN/IPP (2014); ISP-RJ (2018); MPRJ (2019)

Buscando verificar qual a relação entre a diferença de renda entre os bairros e a violência criminal, foi elaborado um mapa cruzando os dados de renda do IBGE (2010) com os dados criminais obtidos através do ISP-RJ, que teve como resultado o material abaixo (Mapa 15)<sup>8</sup>. Como podemos observar no mapa, os bairros mais populosos ou que possuem certa centralidade em sua área de influência, como é o caso de Jacuecanga (47), Parque Mambucaba (76), Centro (21), Japuíba (48), apresentam uma quantidade maior de crimes, especialmente aqueles crimes contra o patrimônio, visto que, como analisado por Melara (2016) em sua tese de doutorado, bairros onde há maior circulação de pessoas e dinheiro, são espaços do consumo e por isso se destacam nesses tipos de crimes.

Pelo mapa, podemos perceber também que muitos bairros cuja renda da população é baixa também e apresentam uma quantidade de crimes bastante expressiva. Sabemos que existe uma diferença do tipo de crime e sua espacialização. Como já mencionamos os crimes relacionados ao tráfico de drogas, pelo menos no que tange ao tráfico de varejo, localizam-se especialmente em áreas onde a presença do Estado está reduzida, onde a população tem pouco acesso a empregos, infraestrutura urbana, serviços de saúde, educação e segurança. Muitas vezes esses crimes vêm acompanhados de homicídios, como mencionado nos estudos de Melara (2016) e Monteiro (2018), já que diferentes comandos do tráfico (Comando Vermelho, Terceiro Comando Puro, Amigo dos Amigos etc.) disputam territórios, além da ocorrência de homicídios também por confrontos com a polícia e a milícia.

---

<sup>8</sup> Faz-se importante citar, que embora o uso da cor azul presente no mapa, seja conflitante com as convenções da cartografia temática, a cor foi utilizada devido ao maior contraste com os elementos gráficos associados aos dados de violência, visando a diminuição da poluição visual no material e o facilitamento da análise.



Mapa 15: Mapa de renda média por setor censitário x violência criminal por bairro de Angra dos Reis  
Org: Luan de Sousa Pereira. Fonte: IBGE (2010); ISP-RJ (2018)

Ressaltamos mais uma vez que, nem todos os bairros pobres desenvolvem essas práticas criminais. Embora a mídia e o Estado insistam em potencializar a criminalização da pobreza, gerando medo e insegurança urbana. Assim, uma das “desculpas” utilizadas pela elite é a problemática da insegurança urbana, e por isso, vivem em espaços exclusivos sem relação com a “cidade aberta” (Sposito e Góes, 2013), evitando que crimes ocorram em suas redondezas. Desse modo, os dados podem mostrar que nas áreas com população de alta renda esses tipos de crimes raramente ocorrem. Embora saibamos que, nesses espaços fechados de moradia e lazer, a circulação de drogas para consumo é uma realidade frequente (SOUZA;2008).

Como colocado por Souza (2008) a partir das décadas finais do século XX, com o crescimento das cidades e conseqüentemente da violência e insegurança urbana, a população mais rica (não necessariamente a elite) passa a “fugir” dos problemas urbanos se fechando em propriedades consideradas seguras, esse fenômeno pode ser visto nas concentrações de renda longe do centro da cidade no mapa acima (Mapa 15), polos de autossegregação. Como apontado por Rodrigues et.al (2017) e Monteiro et.al (2018), os bairros à margem da Rodovia Br-101 (Rio Santos) concentram a população mais carente sendo também os que concentram mais registros de ocorrência.

Como apontado por Souza (2008) e Monteiro (2018), existe uma produção da insegurança urbana devido à espetacularização da violência criminal nas áreas pobres, o que acaba por fomentar um discurso de associação da criminalidade à pobreza, onde os estratos mais ricos fogem da vivência da cidade por medo/preconceito/status (MELARA, 2016) – processo de autossegregação e os estratos empobrecidos se alocam em áreas periféricas, sofrendo com o crime organizado, com a ação criminosa das milícias e muitas vezes até da polícia, vivendo uma segregação imposta, com precárias condições de infraestrutura urbana, acesso a serviços básicos e empregos de qualidade.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, como foi visto no presente trabalho, a produção do espaço urbano segue uma lógica capitalista de produção como apontado por Sposito e Goés (2016). As cidades médias são um bom exemplo de como se desenvolveu a economia global (MELARA;2016), refletindo os processos de acumulação flexível do capital, com a

redução e precarização trabalhista, favorecendo processos de segregação socioespacial relacionados muitas vezes com alguns tipos de criminalidade.

Conforme apontado por Abreu (2004) e Chetry (2018), o espaço urbano de Angra do Reis passou por transformações que datam desde o período colonial, sendo a época de principal mudança e crescimento o período a partir da segunda metade do século XX, passando por períodos que se intercalavam ente crescimento econômico e eventos de crise no setor, interferindo enormemente na organização do espaço urbano.

Os processos de segregação e fragmentação socioespacial foram observados na medida em que as elites junto ao poder estatal e ao capital imobiliário se apropriaram das áreas litorâneas<sup>9</sup>, visando fomentar o turismo e moradias de luxo (MARTINS, SEABRA & RICHTER, 2020), enquanto isso mais de um terço da população total da cidade ocupa aglomerados subnormais (IBGE;2010) sendo comum a prática de ocupação de morros, encostas e espaços mais afastados da área central. A população dos estratos médios e altos se encontram principalmente nos bairros centrais ou bairros próximos aos limites do município em condomínios de diferentes padrões.

A violência na cidade se desenvolveu junto com o grande crescimento urbano ocorrido a partir das décadas finais do século XX e a falta de infraestrutura/planejamento para comportar essa população, nos textos analisados a respeito de Angra foi verificado que a dependência de certos setores produtivos deixou a cidade vulnerável economicamente em períodos de crise, o que tende a aumentar a vulnerabilidade de certos estratos da população que buscam sobrevivência em atividades ilegais (FERREIRA e PENNA, 2005).

Nota-se que se criou uma cultura de justificativa da violência por parte da população e da mídia local, no qual se aponta a crescente criminalidade na cidade com a migração de traficantes da capital (MONTEIRO et.al, 2018) (RODRIGUES et.al, 2017), porém, tanto de acordo com esses autores quanto com a análise dos dados do ISP presentes nessa pesquisa, valendo destacar que há sim uma interiorização da violência após a chamada reestruturação produtiva (SPOSITO E GÓES, 2013), porém essa ocorreu devido ao crescimento não planejado dos centros urbanos, que aliados

---

<sup>9</sup> Muitas dessas apropriações não foram pacíficas, houveram muitos conflitos, mas na maioria dos casos, os povos originários foram obrigados a vender suas terras, ou foram expulsos injustamente das mesmas (ABREU, 2004).

à um política econômica instável, que acaba por deixar os indivíduos mais populares da sociedade em situação de vulnerabilidade e situações que propiciam a atividade criminosa.

Por fim, é possível apontar que no período analisado violência se distribui nos bairros na medida em que os bairros mais populosos e/ou urbanizados concentram o maior número dos crimes analisados, dando destaque para o que considere como pontos de centralidades de cada distrito (Centro em Angra dos Reis, Japuíba em Cunhambebe, Jacuecanga em Jacuecanga, Parque Mambucaba em Mambucaba e Vila do Abraão na Ilha Grande). As ocorrências violentas, que na cidade são principalmente relacionadas ao tráfico de drogas do varejo, se concentram principalmente nos bairros em que há presença ativa de narcotraficantes e coincidem na maioria dos casos com locais com infraestrutura urbana precária, onde vive pessoas com uma renda baixa.

Embora não tenha sido possível uma análise mais aprofundada das condições de segregação da cidade, pode-se perceber que Angra dos Reis apresenta a maior parte de sua população recebendo baixos salários, e atualmente, a situação de empregos informais e desemprego é uma realidade na cidade, agravada pela pandemia. São pessoas que vivem em áreas de risco, e/ou em precárias condições de infraestrutura urbana. Ao contrário da maioria das cidades, poucas são os bairros onde vivem uma população de renda média. Ao passo que existem uma quantidade expressiva de condomínios e espaços residenciais fechados, onde vivem estratos médios e altos da população. Muitas pessoas apenas visitam a cidade, nos pontos turísticos de luxo, ou nas suas mansões que funcionam como segundas residências. São pessoas consideradas milionárias, proprietárias de grandes empresas, artistas famosos, entre outros. Arriscamos dizer, que é uma das cidades médias que conhecemos mais desiguais do Brasil.

Por final é importante salientar que ficaram algumas perguntas a serem respondidas em estudos futuros, já que a pandemia e o tempo reduzido para produção da monografia não foram capazes de responder. Como se caracterizam esses espaços fechados de lazer e moradia? Quem são essas pessoas que trabalham ou vivem nesses enclaves? Como vivem as pessoas das áreas mais violentas da cidade? Quais as políticas públicas do Estado atualmente no que se refere a autosegregação, a regularização de terras e a violência?

Pretendemos dar continuidade a essa pesquisa analisando de forma mais aprofundada os processos de segregação e fragmentação socioespacial em Angra dos Reis, bem como os processos relacionados a dinâmica criminal e a insegurança urbana.

## 7. REFERÊNCIAS

ABREU, C. V.. Marcas da Globalização na Cidade: Um Estudo de Caso Sobre Angra dos Reis (do Espaço da Produção Mercantil ao Empresariamento Urbano). In: VIII Seminário da História da Cidade e do Urbanismo - Perspectivas Contemporâneas da História da Cidade e do Urbanismo, 2004, Niterói. VIII Seminário da História da Cidade e do Urbanismo, 2004.

ANGRA HOME Imóveis. Disponível em: Angra [Home Imóveis](#)> Acesso em: Setembro de 2021.

ANGRAMAR Negócios Imobiliários. Disponível em: <[Angramar negócios imobiliários - Os melhores imóveis em Angra dos Reis e região \(angramarimoveis.com.br\)](#)> Acesso em: Setembro de 2021.

CHAGAS, Clay Anderson Nunes. Geografia, Segurança Pública E A Cartografia Dos Homicídios Na Região Metropolitana De Belém. Boletim Amazônico de Geografia, Belém, n. 1, v. 01, p. 186-204, jan./jun. 2014.

CHETRY, Michael. Crescimento demográfico e espacial de uma cidade média: Angra dos Reis. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, n. 14/15, p. 23-34, 2018.

COMUNIDADES de Angra dos reis são ocupadas para instalação de UPP. G1. Rio de Janeiro, 10 jan. 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2020/01/10/comunidades-de-angra-dos-reis-sao-ocupadas-para-instalacao-das-upps.ghtml>> Acesso em: Setembro de 2021.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo, Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. Segregação Residencial: Classes sociais e espaço urbano. IN: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L. & PINTAUDI, S. M. A cidade contemporânea: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013.p. 39 – 60.

FERREIRA, I. F. C. B.; PENNA, N. A. TERRITÓRIO DA VIOLÊNCIA: UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A VIOLÊNCIA URBANA. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), [S. l.], v.9, n. 1, p. 155-168, 2005.

GASPAR, Ana Clara Pinto. Processos de policentralidade urbana e fragmentação socioespacial: Uma análise do Shopping Park Sul. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Educação de Angra dos Reis, 2021.

GUIGUES, Ana Luiza de Sá. VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO NA CIDADE DE ANGRA DOS REIS/RJ: NÚMEROS, DISPERSÃO GEOGRÁFICA E IMPACTOS. Revista Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 7, nº 13, pp. 11-30, abril de 2021.

HAESBAERT. R. & PORTO-GONÇALVES, C. W. A nova des-ordem mundial. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.

HARRIS, D.C. & ULLMAN, E. L. General nature of city structure. IN: Mayer, H. M. and Kohn, C. F. Readings in urban geography. The University of Chicago Press: Chicago and London. 1959, p. 275-286

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1992.

IBGE. Censo do IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home> . Acesso em: Setembro de 2021.

ISP. Instituto de Segurança Pública. Disponível em: <http://www.isp.rj.gov.br> . Acesso em: Setembro de 2021.

LOURENÇO, Nelson. Cidades e sentimento de insegurança: Violência urbana ou insegurança urbana? 2010. Disponível em: [\(PDF\) Cidades e Sentimento de Insegurança: Violência Urbana ou Insegurança Urbana? \(researchgate.net\)](#) Acesso em: Setembro de 2021

MARTINS, Jéssica Silva; DA SILVA SEABRA, Vinicius; RICHTER, Monika. TURISMO E SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM ANGRA DOS REIS: UMA ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO POR MEIO DO GEOPROCESSAMENTO. **Revista Tamoios**, v. 16, n. 2, 2020.

MELARA, E. Espaços fechados e insegurança urbana: Loteamentos e condomínios em Resende e Volta Redonda (RJ). Rio de Janeiro, 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MONTEIRO, F. D. et al (org.). Diagnóstico de Segurança Pública e Social do Município de Angra dos Reis. Angra dos Reis: Universidade Federal Fluminense, 2018.

MONTEIRO, F.D. PROVAÇÕES NO PARAÍSO? REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS SOBRE CRIMINALIDADE URBANA EM MUNICÍPIOS DO INTERIOR DO RIO DE JANEIRO: o caso de Angra dos Reis. INTRATEXTOS, Rio de Janeiro, vol. 9, n.1, 2018, p.115-135.

MPRJ. Ministério Público do estado do Rio de Janeiro em mapas. Disponível em: [MP em Mapas - InLoco \(mp.rj.mp.br\)](#) Acesso em: Setembro de 2021.

Observa Angra: População. Angra dos Reis, 2019. Disponível em: <http://observa.angra.rj.gov.br/observatorio-indicadores.asp?oi=5> . Acesso em: Setembro de 2021.

OLIVEIRA, Nathan Belcavello de. DEBATENDO O USO DO GEOPROCESSAMENTO NA GEOGRAFIA. Revista Eletrônica de Diálogo e Divulgação em Geografia, v. 1, n. 3, 2016.

SAMPAIO, Renata Alves. Da noção de violência urbana à compreensão da violência do processo de urbanização: apontamentos para uma inversão analítica a partir da Geografia Urbana. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2012.

SANTOS, Douglas & Ferreira, Idelvone. (2016). A Segregação Espacial e Residencial na Cidade Contemporânea. 10.5151/9788580391596-11.

SOJA, E. W. (1989). Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Tráfico de Drogas e Fragmentação do Tecido Sociopolítico-espacial no Rio de Janeiro. 1999.

SOUZA, Marcelo Lopes de, 1963-Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana/Marcelo Lopes de Souza. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.288p.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. IN: VASCONCELOS, P. de A.; CORRÊA, R. L. & PINTAUDI, S. M. A cidade contemporânea: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2013. P. 61-94.

SPOSITO, M. E. B. & GOÉS, E. M. Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. 1 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2013

RODRIGUES, A. et al (org.). Conjuntura Costa Verde: Relatório executivo. 2. ed. Angra dos Reis: Universidade Federal Fluminense, 2017.

## ANEXO

Anexo I: Registros da entrevista da Professora Eliane Melara com um dos gestores públicos da cidade de Angra dos Reis

### **Entrevistado: Leonardo Barra – GGIM Gabinete de Gestão Integrada Municipal**

- Esse gabinete visa juntar a prefeitura com as forças de segurança, num esforço de pensar melhor as políticas para diminuir a criminalidade.
- Repetiu a mesma coisa que o Bira, depois que os bandidos chegaram do Rio aqui, ficou muito perigoso, mataram muita gente, andavam armados...
- Criaram o PROEIS – Programa Estadual de Integração na Segurança (Proeis), um convênio com o Estado e o Município. O município arca com os recursos, e o Estado com mão de obra.

Leonardo: “Aqui em Angra temos 42 vagas para policiais de todo Estado se inscreverem nos seus dias de folga, e ajudarem a reforçar o policiamento e as políticas de segurança aqui em Angra”.

Leonardo: “O nosso Principal Batalhão 33, que fica no Perequê, mas a gente tem muitas companhias que ficam em várias partes da cidade. Agora temos uma que ficará no Morro da Caixa, pois lá estava bem perigoso.”

Leonardo: “Até 2028 o tráfico estava muito forte, especialmente nos bairros Camorim Grande, Belém, Frade, Areal, Sapinhatuba e Lambicada.”

Leonardo: “A Implantação das UPPs foi em 2018. Prefeito e o Secretário da Segurança pública abraçaram a ideia, juntamente com o governo do Estado.

3 UPPs – Frade, Camorim e Belém”

Leonardo: “No Frade estão construindo um Polo Cultural – estrutura fornecida pela prefeitura, vai ter jogos, danças, EJA, aulas de línguas, pré-vestibular etc. O Capitão Guimarães que está organizando isso.”

### **GGIM**

Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros, Colégio Naval, Capitania dos Portos, Secretaria de Defesa Civil, Superintendência de Trânsito, Procuradoria Geral do Município e Secretaria de Educação, além do subsecretário municipal de

Segurança e coordenador do GGIM, Alexandre Klippel, e o presidente da TurisAngra, Klauber Valente.

[http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp\\_m505/CSP/cartilha\\_GGIM.pdf](http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/CSP/cartilha_GGIM.pdf)

A Lei 11.707, de 2008, prevê a criação do Gabinete de Gestão Integrada Municipal enquanto condicionante para adesão ao Pronasci.

Prefeito Municipal Autoridades municipais responsáveis pela segurança pública e defesa social. Autoridades municipais responsáveis pelas ações sociais e preventivas; Autoridades estaduais da área de segurança que atuam no município: Polícia Civil, Polícia Militar e Defesa Civil Autoridades federais que atuam no município: Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal\* Ministério da Justiça\* \* Quando existir representação. composição e funcionamento Conhecendo o gabinete de gestão integrada municipal – GGIM 20 Outros representantes de entidades públicas ou privadas, da Magistratura, da Defensoria Pública, do Ministério Público, por exemplo, poderão ser convidados a participar de reuniões e atividades do Gabinete, em especial os fóruns comunitários e municipais de segurança pública.

Site de Angra, acesso 08/06/2021

[https://www.angra.rj.gov.br/noticia.asp?IndexSigla=imp&vid\\_noticia=53868](https://www.angra.rj.gov.br/noticia.asp?IndexSigla=imp&vid_noticia=53868)

A Prefeitura está providenciando um reforço na segurança da cidade. Nos próximos dias, as vagas oferecidas no Programa Estadual de Integração na Segurança (Proeis), que possibilita a contratação voluntária de policiais militares, durante suas folgas, para o reforço da segurança no município, serão ampliadas das atuais 22 para 46. Com isso o programa será levado a outros bairros e, em alguns locais, o policiamento também será realizado no período da noite.

Teremos praticamente o mesmo efetivo do policiamento da Polícia Militar em Angra, em dias normais. Isso permitirá que nossa cidade tenha condições de auxiliar a polícia, aumentando sua ostensividade e a presença em todas as regiões – afirmou o superintendente de Segurança Pública.

No momento, os policiais do Proeis atuam nas áreas comerciais do Centro, Japuíba, Frade, Parque Mambucaba, Vila do Abraão e no Hospital Geral da Japuíba. De acordo com a Superintendência de Segurança Pública, em todos esses locais há uma boa procura e o preenchimento das vagas está em cerca de 80%, sendo que em algumas ocasiões há uma procura maior e 100% das vagas são preenchidas.

Nas comunidades onde o Proeis já existe, haverá um aumento no número de vagas, já que o programa passará a funcionar também no período noturno. Outra boa notícia é que os bairros de Monsuaba, Bracuí (12), Balneário, Jacuecanga e Garatucaia também passarão a ser contemplados com o reforço no policiamento. Parte desses policiais vai utilizar viaturas que a prefeitura vai comprar e deixará à disposição do Proeis para melhorar a segurança da cidade.

Atualmente o governo municipal gasta cerca de R \$86 mil por mês, de recursos próprios, com o pagamento dos policiais do Proeis.

- Em breve, com a entrada em funcionamento do Fundo Municipal de Segurança Pública, contaremos com o apoio de empresários que queiram efetivamente participar desse projeto de retomada da segurança em nossa cidade, já que um dos focos do fundo é o apoio ao funcionamento do Proeis – explicou o Superintendente de Segurança Pública.

Diminuição nos crimes:

De acordo com dados da Superintendência de Segurança Pública, entre janeiro e setembro de 2017, a média de roubos a transeuntes nos bairros atendidos atualmente pelo Proeis, foi de 5,04. Já nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano passado, período em que o programa já estava em funcionamento na cidade, esta média caiu para 2,3.

O empenho da prefeitura em pagar em dia esses policiais, bem como o apoio da comunidade angréense ao projeto, principalmente os comerciantes, faz com que Angra dos Reis seja a cidade com o maior percentual de procura em todo o estado